ANNO XXVI — N.º 41
Rio, 8 de Outubro de 1932
— PREÇO: 1$000 —

FON-FON

A confiança exclue a duvida

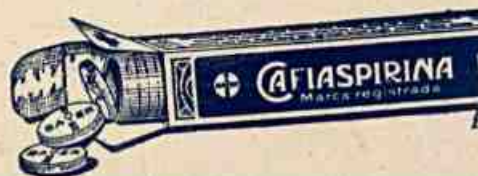
O que nos leva a depositar nossas economias, —fructo do suor do nosso rosto,—nos cofres de um banco, é a **confiança.**

Para evitar horas de angustia e defender a sua saude e bem estar, não vacille um instante! Tome

o remedio de confiança

contra as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; colicas das senhoras; enxaqueca, nevralgias; resfriados, etc.

BAYER

Elimina qualquer dôr, estimula e reanima as forças e é de todo inoffensiva. . . .

CAFIASPIRINA
o remedio de confiança

O conto brasileiro

A M A R G U R A

Á hora em que tudo esplendia á luz doirada daquella maravilhosa tarde de sol, ella viéra sentar-se alli, junto á janella do pequenino quarto de paredes brancas e núas.

Tomando de sobre a elegante secretária lavrada á antiga — unico movel de luxo que ainda conservava — o cofresinho de xarão, o seu "jardim da saudade", retirou, uma a uma, lentamente, as preciosas reliquias de sua vida affectiva. Eram flores murchas, photographias, cartas e um diario, o diario em que fixára as impressões de cada dia, em que deixára assignaladas as suas alegrias — tão curtas haviam sido ellas ! — e as suas tristezas, e os seus desenganos...

E cerrando os olhos, ella se transportára em pensamento á triste infancia num internato em que faltava carinho e sobrava disciplina, á penosa adolescencia de quem precisa lutar para viver, e aos negros dias de miseria, quando lhe faltava trabalho e lhe faltava pão...

Mais tarde, viéra a compensação, vieram os dias aureos de sua existencia com um noivado feliz.. Depois, o desabamento desse sonho, o rompimento com o noivo, o abandono...

No paroxismo da dôr, no limiar da loucura, ella até pensára em matar-se. Mas a fé a salvára. Resistira ao drama tremendo que lhe destruira as mais caras esperanças e lhe deixára a alma sangrando.

Tempos após, fizéra-se uma nova alternativa de luz em sua vida. Um outro amor, mais profundo, mais violento e mais humano.

Era um artista talentoso a quem a fama ainda não sagrára.

Sacrificára-lhe tudo: intelligencia, reputação, mocidade, belleza. Fôra para elle não apenas a amiga, a irmã de ideaes, mas a inspiradora e collaboradora de toda a sua obra. A ella somente, devia elle os melhores dias de sua vida artistica e sentimental, a consagração definitiva e a exaltação do amor. Fôra ella quem, com a magia de seu espirito e a magia de suas mãos, lhe creára aquelle ambiente de carinho e de arte. Ella quem o estimulára no desanimo, quem o consolára nas horas tristes e difficeis, quem povoára de imagens lindas a solidão de sua alma de homem e de artista incomprehendido. Fôra ella como que a primavera, a autora desse milagre de intelligencia e de amor que era a eclosão das flores de oiro de seu talento.

E agora, que a fortuna e a gloria tão prodigamente o favoreciam, agora que elle era livre, pois a Morte rompêra o grilhão que o prendia a uma esposa frivola e vulgarissima, e ella esperava que elle a fizesse sua legalmente, vinha elle falar-lhe da urgencia dessa longa viagem aos mais cultos centros europeus, vinha propôr-lhe a separação !

A ella, que o amava com um amor unico, exclusivo, um amor que parecia crescer, ramificar-se, aprofundar-se com os sacrificios e immolações consumados.

Devia-lhe tudo : felicidade, fortuna, gloria ; sem ella, sem o seu estimulo e a sua ternura, elle nunca alcançaria o apice da mysteriosa montanha...

E esse sonho tambem ruira. Quanto se sentia desgraçada agora ! Quanto a vida lhe parecia triste e vazia, desoladoramente vazia !

Não teria nunca o conforto de um lar ; não experimentaria nunca a doce e consoladora certeza de possuir no mundo um coração em que se pudesse refugiar nas horas de angustia.

E durante muito tempo, no pequenino quarto de paredes brancas e núas, ecoaram dolorosamente, convulsamente, os seus soluços...

REGINA RIZIERI

ESTADOS D'ALMA

Em profundo estertor, na dor que o dilacera,
Sentir espesinhado o coração pulsar,
As nossas illusões desfeitas em chimera
E de cada Ventura uma illusão brotar...

Sentir que, passo a passo, em cada primavera
Ha o brusco approximar da lousa tumular,
E ao destino fatal que sempre nos espera
Maior desillusão se vem accrescentar...

Sentir, emfim, que existe em tudo desenganos,
No profundo amargor do succeder dos annos,
Na idéa que germina em plena floração...

E sentir que no mundo em tudo se retrata
Um insondavel abysmo, escuro, que desata
Por sobre a humanidade apenas maldição...

JOSE' DANEAECK

«Maldita chicara de café...»

MORAVA, havia muito tempo, no interior de Minas, o sr. Adólinho Ortigas, com a "sua respeitavel familia" como dizia, apresentando-a a alguem.

Como quasi todos os matutos, era inimigo das capitaes, do luxo e das cerimonias.

— "Vancêis póde crê: eu nunca botarei meus pé fóra daqui!" — era a expressão predilecta do sr. Adólinho.

E, nesta vida calma, passou muitos annos, vivendo com a renda que lhe dava a sua roça.

Mas, um dia, teve que tratar de um negocio urgente, e, como se referia á sua plantação, quebrou a jura de nunca de lá sair.

No dia seguinte, ia a familia toda leval-o á estação, que distava quasi uma legoa da residencia do honrado mineiro. A' hora do trem partir, as expansões de affecto assumiram um caracter tão commovente, que o Adólinho para escapar ao perigo de perder o trem, metteu-se dentro delle apressadamente deixando a familia inconsolavel.

E quando o trem já ia a uns dez metros da plataforma, ainda madame Adólinha acompanhava o marido, correndo atraz do vagão.

. . . .

— "Tadinha da minha muié!" pensava o roceiro, mergulhando o rosto no enorme lenço vermelho, para dar maior curso ás lagrimas, sem que ninguém as visse.

. . . .

Chegando ao Rio, logo que sahiu da Central, viu-se em embaraçosa situação.

"Seu sordado, — disse elle, dirigindo-se a um guarda, fais o favô de mi infromá cumu é que se vai prúm hoté?"

— Muito facil, meu senhor. Chame um taxi, e diga ao "chauffeur" o nome do hotel.

— "Muito brigado".

E carregando a sua enorme mala já muito velha, dadiva do compadre Anastacio, quasi foi atropelado por uma motocycleta, que arrancando-lhe das mãos o precioso fardo, fez espalhar pelo chão as gravatas multicores mais as camisetas de flanella, calças de brim, e alguns pares de meias e lenços vermelhos.

—"Diacho! Essa gente anda correno..."

Muito atarefado, reuniu o conteúdo, metteu-o novamente na mala, no que foi ajudado por um "chauffeur", recompensando-o tomando o seu *taxi*. Poucos minutos depois, Adólinho fazia uma entrada solenne no hotel.

No dia seguinte, após o almoço foi tratar dos negocios.

S O F F R I M E N T O S . . .

Tive novas de ti: Atroz enfermidade
Lenta abatendo vae teu ser idolatrado;
Como triste fiquei, repleto de ansiedade,
Que o diga o coração choroso, amargurado.

Nesse instante senti do teu vulto saudade
E como te evoquei, relembrando o passado,
Maldizendo o terror de, em plena mocidade,
Morreres linda flôr, ó ser divinisado!

Em breve deixarás as miserias da terra
E tua alma bondosa e clara como um lirio
Escalará o céo, que ignóta paz encerra!

Soffro com teu soffrer; a dôr minh'alma trunca:
Morrerás, doce bem—causa de meu martyrio—
Mas meu amor por ti, não ha de morrer nunca!

HERNANI RAMIREZ

Ao voltar, redigiu uma carta á mulher, na qual dizia:

"Oh! Ambrusina! Aqui no Rio é tudu umas buniteza! Inté os botê é in forma di ponti. Pur baxo passa os vinhiculo dia intirinho!..."

Dois dias depois, era a volta. Pela manhã, deixou-se ficar na cama até ás 8. O copeiro bateu na porta perguntando si queria o café no quarto.

—"Podi sê".

Quando appareceu a bandeja do café, o Adósinho esbugalhou os olhos, e ficou pensando o que seria aquillo.

—"Ah! é verdade!—exclamou de repente; eu quero a conta".

O copeiro retirou-se, e Adólinho começou a tomar o café. Exgotando a cafeteira, levantou-se, abriu a mala de viagem, e, entre a roupa, guardou cuidadosamente: o bule o assucareiro, a colher, a bandeja e o pires das torradas.

"A chicra acho que num vale a pena; lá em casa tem".

Quando o servente appareceu com a conta, Manéco apresentou-lhe um tellegramma, em que dizia:

"Ambrusina, vou levá um presento prá vancê".

E dirigindo-se ao criado:

—"Ponha isso no correio".

O empregado saiu, e, quando voltou, encontrou o roceiro prompto para a viagem.

—"Uê... onde está o bule?"

—"Isso já paguei".

E, sem mais, foi sahindo muito fresco".

O servente correu atraz delle, perguntando-lhe:

—"Onde estão as coisas do café?"

—"O' typinho implicante. Já disse que te paguei!".

O resultado foi que o pobre Adólinho teve que deixar lá o presente da Ambrusina.

Ao chegar na sua terrinha, exclamou:

—"O' Ambrusina! qui genti ruim. Abriro a mala levaro tudu, inté o presente que eu tinha tantu gostu di trazê pra vancê. E tudu prú módi aquella mardita chicra di café! Havéra eu di infiá ella na mala tamem!"

DE LA MÓTTE

ARTE E DOR

O dia estava lindo.

A temperatura deliciosa.

O azul do céo, transparente.

Deu-me vontade de ir dar um passeio á praça, onde se reunem, todas ás tardes, moças e rapazes, que trocam olhares e permutam juras amorosas.

Escolhi um local afastado, desejoso de uma hora de calma e meditação.

Os automoveis e carros iam e vinham.

Aves canoras duetavam na espessura da folhagem, emquanto que grupos de creanças saltavam e riam por entre os canteiros em flôr.

Foi quando, virando o rosto para o lado, dei com um pobre, esqueletico, esqualido, sordido, que me fitava com os olhos vidrados de lagrimas.

—Uma esmola, senhor...

E estendia sua mão, suja e magra, tremula e triste.

Enchi de moedas aquella mão.

Nos olhos pisados do velho, percebiam-se agora lagrimas de reconhecimento.

Quem era?!

De onde sahira, para as miserias da vida, aquella velhice desgraçada ?

Elle ali estava, tremulo.

Perguntei-lhe:

—E' brasileiro ?

—Sou hespanhol, respondeu-me.

—Veiu creança da Hespanha?

—Vim moço !...

E um suspiro de angustia — metade saudade, metade revolta — sahiu, escapou, fugiu do peito do velho.

—Sua profissão ?

—Pintor, senhor...

Havia ali um banco.

—Sente-se.

Sentou-se. Ouvia-se de todos os lados, em côro, a algazarra das creanças. Volitavam borboletas brancas; dir-se-ia eram flores que tivessem azas.

Gargalhadas frescas sahiam de bôccas moças.

O olhar do infeliz, voltado, agora, para os pares de namorados que passavam, tinha uma expressão de piedade, de doçura, de resignação.

—A mocidade é assim, descuidosa e feliz !

—O seu coração guarda, por certo, uma historia de amôr...

—Todo o coração tem sua historia, como o corpo tem sua alma. A vida possue, como tudo, desigualdades e contrastes. Para uns, viver é contar os gozos pelos dias que passam; para outros, viver é sommar infortunios e multiplicar lagrimas...

A sua voz, então, era soturna, cava, como si contasse para dentro, dialogando com a propria alma.

—Permitta que lhe confesse que desejava conhecer o segredo da sua dôr...

O ancião, erguendo o ubsto, e mostrando no rosto murcho, que os cabellos sombreavam, uma expressão de protesto, bradou alto, como si quizesse ser completamente ouvido:

—Para que ? Que lhe póde interessar ao senhor, moço e venturoso, a historia da minha dôr ?

—Oh !... o senhor é velho, experiente, e eu queria saber qual é a patria da dôr...

—Sim, tem patria: o coração...

Depois mais tranquillo, como que arrependido daquella explosão de revolta, dobrou a cabeça, aveludou a voz, juntou as mãos, sorriu docemente, e falou:

—Hei soffrido tanto, senhor, que estes cabellos enbranqueceram sob quarenta annos. A Gloria, essa visão de bruma que qualquer sol de infortunio destroe, encheu, durante dez annos, a minha vida. O meu nome, triumphal e grande, andava de bocca em bocca, de jornal em jornal, coberto de applausos e invejado. Desde a minha primeira exposição de quadros, em Madrid, a fama tomou conta de mim, commigo subiu as escadas de palacios, passou fronteiras de paizes e penetrou no templo luminoso da Congregação...

—Mas, como poude, então...

—... Descer, não é verdade ? E' simples: o homem é um escravo dos seus sentimentos. O temperamento do artista é, como deve saber, uma cousa interessante, justamente por ser original. Para outro qualquer, a posição que eu conquistára era o bastante, era o necessario para a felicidade absoluta. Entretanto...

—...Um dia...

—...Sim, um dia — como em todas as historias — o meu coração, que recem-começava a sentir o mundo, experimentou o amor !

Ahi, o velho ficou de pé. Um raio de sól, joeirado através das folhas de uma arvore, punha-lhe, na fronte triste, um diadema de luz.

Alguns meninos passaram correndo, ao encalço de uma borboleta.

Elle os fitou, demoradamente, com as palpebras molhadas de lagrimas.

—Sempre ao encalço de uma borboleta... Sempre... Vão descuidosos porque ignoram o perigo. E' assim o mundo ! Tambem eu, como agora esses pequeninos, corri a vida inteira seguindo uma borboleta...

Arrastou os passos, baixou a cabeça sobre o peito, e mergulhou nas primeiras sombras que o crepusculo da tarde espalhava pela terra...

FRANCISCO SALVESTRO

QUEIXA...

(Para Conchita Cid)

Senhor! Creaste o homem de uma massa heterogenea...

Resultado: em um predominou a bondade, em outro a maldade. Um sahiu ambicioso, outro idealista.

E os homens queixam-se... Pediram que satisfizesses á Vontade que tu mesmo lhes inculcaste.

Viste-te atormentado, mas resolveste satisfazer a todos.

Ao máo regaste a consciencia e ao bom brindaste com a virtude, que é a gloria suprema de todo acto santo. Aos ambiciosos legaste um thesouro aqui na terra, e ao idealista — o amôr, que é a flamma synthetica para todas as almas que ainda sonham...

A mim, Senhor, tudo negaste. Lamento sem maldizer. Choro sem blasfemias, porque é nas lagrimas que busco o lenitivo...

Senhor!... Quero ser bom; entretanto, negaste-me a virtude. Quero ser máo e minha consciencia não deixa.

Desejo riqueza e só lobrigo miseria. Anseio amar e sem uma alma amante que me comprehenda.

Toda gente ama e só eu não amo... Toda gente se embriaga nas taças fortes do amor e não vê a vida passar. Só eu, como um ser inferior, sinto que a vida passa e me deixa a dôr de não saber passar com ella...

GETULIO TEIXEIRA

ANSIEDADE

(Para Candido Vianna)

Eu sempre fui na vida um descuidado
E assim terei de ser annos em fóra.
Aquella que adorei, sem ter beijado,
Em vão procuro pela vida, agora.

Falta-me aquelle aroma do peccado,
Que a mente exalta e os corações enflora.
E eu vivo a procurar seu vulto amado,
Querendo os beijos que não quiz outróra.

Ella talvez não saiba quem sou eu,
Nem onde, e quando, foi que promettêu
Uma ventura por demais singela.

Como acalmar, porém, esta ansiedade,
Si eu puz meu sonho de felicidade
Nas curvas divinaes dos seios della?

HORACIO MENDES

FONIO (Minas) — Poetas! Poetas! Sempre os poetas! Que mal fiz eu a Deus! Os taes rimadores não me concedem uma tregua. A minha gaveta está a transbordar de versos, de versalhadas, de versalhões... E' uma epidemia poetica, difficil de combater.

E o peor é que os "poetas" não desanimam nunca. Inventam sempre. Avançam cada vez mais.

E que pobreza de idéas! Que indigencia de imaginação!

Aqui está uma prova no seu poema *Porque?*

Eil-o com todos os pontos nos ii...

PORQUE?

Porque você me olha assim?
Assim, deste modo? Má.
Então tem raiva de mim?
Pois, escute, tenho cá
Dentro do meu coração,
Uma cousa que bem quiz
Que se chamasse paixão
Para fazel-a feliz...

Mas, sem bem saber porquê
Você me mandou embora...

Fui, mas, partindo, sei que
Você arrependeu-se e chora

Por mim. Comtudo eu só tenho

Que me lamentar a sorte

De não ser amado. Venho
Dar-lhe adeus. Inda sou forte!

Está chorando ainda?

Porque? Posso saber?

Chora?!... Fica mais linda.

Oh! Sabe o que vae ser?

Não vou mais.
Que bom, não?

Dê-me, agora, os seus coraes

Dos labios... Só meus serão.
Juro-lhe.

Como vê, o seu poema é o que ha de mais vulgar. Nem sei como o sr. teve coragem de me pedir

a publicação de um trabalho tão inferior.

Não se zangue com tamanha franqueza. Penso que será capaz de fazer coisa melhor. E' só ter paciencia. Estude mais, medite e escreva menos, com mais cuidado e attenção, e verá que a minha suggestão não é das peores.

OSIRIS (Minas) — Outro poeta? Ainda outro? Santo Deus! Aonde vou eu parar? O caso é mesmo de assombrar.

Desejaria que esses cavalheiros, cuja preoccupação é assignalar que não gosto dos poetas ou que os trato com mau humor — desejaria, repito, que esses cavalheiros se aboletassem a esta minha banca de trabalho e entrassem a ler e julgar as centenas de poetas que se dirigem a esta pagina. E' horrivel! E' de arrepiar!

Aqui está a sua missiva:

"Prezado Snr. Yves. Tendo tido certa curiosidade de conhecer o valor (positivo ou negativo) de meu estro, através do filtro magico da critica, de que o nobre litterato é um grande luminar, remetto-lhe com especial modestia, um pequeno trabalho a ser analysado pelo magnanimo e respeitavel confrade.

Aguardando, na Capital de Minas, sua preciosa resposta, pelas columnas do FON-FON, passo-lhe, um pouco tremulo e indeciso, o meu alludido SONETO, com protestos de admiração e provas da maior confiança.

Seu *Osiris.*"

Agora, o soneto. O soneto que, afinal, é um estafermo, com os seus versos frouxos e sediços pelas idéas que exprimem:

RETRATO

Na seara da tua formosura
Colheste os pomos d'oiro da con-
[quista;
E foste, num sorriso de ternura,
Modelo para a tela de um artista.

Do teu semblante a graça e a fres-
[cura,
O magico pincel poz logo á vista;
O donaire do corpo na cintura,
Com todos os requintes da mo-
[dista!

Os teus olhos e os teus lindos ca-
[bellos,
Os teus labios com arte, e, com
[desvellos,
Teu sorriso c,om todos os den-
[tes...

E completando a obra com finura,
Só não poz na belleza da pintura
Essa belleza d'alma que não tens.

Osiris."

Elle ahi fica, afim de ser julgado pelos leitores de *Saibam todos*... E digam si, depois de ler o primeiro, o segundo, o terceiro, o decimo, o vigesimo, o trigesimo soneto (?) em condições analogas, um cidadão não fica de nervos gastos por toda uma semana.

ALBERTO FERREIRA (E. do Rio) — O seu soneto não serve para o FON-FON.

RUBIÃO POMPILIO (Capital) — A sua historia é simples e curta. O sr. me envia um soneto, que submette á minha apreciação. Julgando-o um aleijão, eu o proclamei com a franqueza que me caracteriza. O sr. não gostou do meu julgamento. Que faz então? Escreve-me uma carta, onde me attribue todos os defeitos imaginaveis, como escriptor ou o que fôr lá.

Muito bem!

Em tudo isso, só ha uma coisa que me alarma: é o facto de sr.

reconhecer em mim todos esses defeitos e, apezar disso, submetter o seu trabalho á minha apreciação. Para que?

E' uma incoherencia! O sr. diz: "Cure-se primeiro dos seus horrendos aleijões literarios e depois aponte os dos outros". Ora, o sr. me está dando um conselho que nunca lhe pedi; ao passo que o meu juizo sobre o seu soneto me foi solicitado pelo sr.

Confesse antes que está seriamente despeitado. Emquanto que eu — estou no meu papel...

RIV (Minas) — Olá, poeta! Não ha razão para queixas.

O sr. escreve, um pouco decepcionado:

"Illmo. Sr. Bastos Portella; Saudações; Nesse momento, estou rindo de mim mesmo... Rindo da minha pretensão... E' que aspirei publicar algumas poesias de minha autoria, no magnifico "Fon-Fon", e enviei-lhe, ha, mais ou menos, um anno, 3 intitulados: "Louvor á Arte", "Os Abysmos" e "Cerebro". Mas, o illustre redactor do "Saibam Todos...", diante do nenhum merito dos meus versos, preferiu calar... E eu justifico e compreendo esse silencio.

Elle diz tudo... Diz que os meus poemas têm sinões bem accentuados. Diz que elles são exagerados, hiperbolicos, estranhos, com palavrões injustificaveis. E tudo isso é verdade. Portanto, agradeço esse silencio abençoado...

Mas, como verá, tenho razão (falemos da vida pratica): empregado de uma casa commercial, onde os algarismos cansam diariamente o meu cerebro, só durante a noite, ou aos domingos, é que tenho folga para essas locubrações. Demaes, sou novo. Implume ainda, os meus vôos sãos desequilibrados... Ainda assim, olho á altura... Tenho bôa vontade, o que já é ter alguma cousa.

Imagino, caro escriptor, como ficou ao abrir a minha carta:

—"Hum!... Mais um poeta... E esse todo desconcertante!" — E eu com tão bôa intensão... Agora,

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

sou o primeiro a reconhecer a mediocridade dos meus poemas. Não mereciam publicação.

— Este povoado é tão saudavel, que em dez annos só morreu aqui um homem.

— E quem foi?

— O medico. Morreu de fome.

E esses, que hoje envio, merece? Tenho melhorado um pouco, não?

Agora, terei mais cuidado... Irei trabalhar melhor a minha obra. Dar-lhe côr, arte, sentimento. Depois, publical-a-ei, se puder.

Terminando, peço-lhe desculpas por ter alongado muito nestas observações; e apresento-lhe os meus protestos de admiração e estima.

Subscrevo-me.

Am.° Att.° Obrig.°

N. B. — Peço-lhe o favor de responder pelo "Fon-Fon", pois desejo saber a judiciosa opinião do illustre critico. Para a resposta, peço salientar somente as primeiras letras do ultimo appelido, assim: Riv.

Ainda: Sabendo hoje, pelos jornaes, da morte de Luiz Carlos, resolvi dedicar a poesia "Arrebatamento" á sua memoria, como prova da minha grande admiração pelo immortal poeta de "Astros e Abysmos", gloria da literatura brasileira. E' só."

Como resposta, direi apenas que será attendido, desta vez. Os seus poemas servem.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON = 8-10-932

—

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

DOIS CONTOS JUDEUS

ABRAHÃO enriqueceu durante a guerra. Possue milhões, vastas propriedades..., mas não tem relações sociaes. E' a unica sombra que ha em sua vida. Pede, nesse sentido, conselho a um de seus amigos, aristocrata vindo a menos.

— De duas coisas precisas para seres admittido em sociedade—diz-lhe o amigo.—E tua situação te permitte adquirir a ambas, da noite para o dia. São: um automovel de luxo e um bom cavallo de corrida.

Abrahão segue tão sensato conselho. Compra um oitenta HP. de seis cylindros dos mais luxuosos, e um cavallo de brilhante *pedigree*, pelo qual paga cem mil francos.

O cavallo "Relampago" correrá no *Grande Premio* de Bucarest. Sua qualidade é tal, que resulta favorito.

Mas, ai!, poucos dias depois da corrida, o *entraineur* encontra o *crak* morto em sua estribaria. Deante de semelhante noticia, o proprietario mergulha em profundo desespero. Não era para menos. O golpe é rude! Mas, como verdadeiro filho de Israel que é, não tarda em reagir. A' noite, vae ao seu club.

— Grande acontecimento, senhores! —exclama, ao entrar na sala de *baccarat*. — Minha mulher, por motivos de familia, exige que minhas côres não appareçam em um hippodromo. Por conseguinte, vendo "Relampago", ou melhor o rifo. Aqui tenho numeros a cincoenta luizes cada um. Assegure-lhes fará um bonito negocio.

Immediatamente, apura duzentos mil francos, e se procede, então, ao sorteio, para determinar o feliz possuidor do invejado *puro sangue*.

Na manhã seguinte, o favorecido se apresenta com um empregado para tomar posse do animal. Encontra seu amigo Abrahão chorando copiosamente, agitado por grandes e profundos soluços.

— Ah!, ah!, ah! — geme, com desconsolo, o judeu. — Minha dor é immensa. "Relampago" acaba de morrer repentinamente de uma embolia. Coitadinho!... Emfim, essa horrivel pena deve ser sensivel exclusivamente para mim. Você não tem por que soffrer nada em seus interesses. Aqui tem os mil francos que lhe custou seu numero de rifa, e não falemos mais deste doloroso assumpto.

* * *

A scena se passa em uma synagoga de Varsovia. Os fieis, envoltos em amplas hopalandas, com os cabellos cahidos em cachos sobre os pescoços graxentos, discutem o valor dos prophetas Isaias, Elias, Samuel, Abrahão, etc.

Todos desfilam, excepto Moysés, que um imprudente se atreve a citar. Immediatamente, se levanta um côro de protestos.

— Moysés não é um grande propheta! — diz um. — Si não houvesse sahido do Egypto, arrastando seu povo atraz delle, viveriamos ainda felizes ali, ganhando libras e egypcias em logar destes desgraçados marcos polacos.

Curnonsk e J. W. Bienstock

UMA ESPOSA IDEAL

De Alec Waugh

— MAS dissestes que jogarias *golf* commigo, esta tarde...

— Já sei, querida; mas os negocios são negocios.

— E não sabes a que horas regressarás?

— Como queres que eu o saiba? Virão buscar-me á uma e meia. Richmond fica a seis milhas. Começaremos jogando uma partida de golf. Depois, se falará de negocios e estarei em suas mãos. Póde ser que elles me convidem para jantar nalgum logar. Assim o espero e desejo. Mas não sei dizer-te a que hora voltarei...

Elle sorriu, com aquelle sorriso franco e bondoso que ella tanto amava.

— Nesse caso... me falarás por telephone, ás seis horas, sim?

Elle meneou a cabeça.

— Será difficil...

— Por que, Roberto?

— Quando varios homens se põem a falar de negocios importantes, perdem a noção do tempo. E crea-se uma atmosphera tão propicia, que resulta perigoso destruil-a retirando-se inopportunamente.

Era a mesma desculpa de sempre. Roberto sempre se negava a projectar planos para o futuro, e deixava a perder os seus. Era aquella a desagradavel consequencia de se ter casado com um homem joven, bem parecido e ambicioso. Elle era muito energico e propenso a enthusiasmar-se com qualquer idéa nova. Ella projectara varias vezes um tranquillo jantar na intimidade do lar, fazendo preparar os pratos de que Roberto gostava. E repentinamente, implacavelmente, soava o telephone, e elle lhe communicava, pressuroso: "Veste-te depressa, querida... Os Clark nos convidaram para jantar com elles, no Ciro's Club...". Ou, então quando se propunha ir com elle ao cinema, após o jantar, Roberto lhe participava: "Querida, lamento-o muitissimo, mas preciso ver uma pessôa esta noite, por causa de um negocio. Não sei quando voltarei..."

Contemplando melancolicamente os restos do almoço, ella se sentiu muito só. Tinha o proposito de jogar o golf com seu marido, e agora não sabia que fazer. Olhou com antipathia o apartamento, que uns amigos ora veraneando em Nice lhes haviam cedido. Roberto tinha o péssimo costume de acceitar esses emprestimos...

— Eu desejaria ter um lar proprio... — mais de uma vez lhe havia dito ella.

— Pois eu não toleraria ficar ligado a determinado logar... — replicava elle, invariavelmente.

Temia os vinculos, as ligações. Por isso, se oppunha a que tivessem filhos tão depressa. Ella, no emtanto, ficaria satisfeita de ter um filho. Talvez porque já se aproximasse da idade psychologica da mulher... Tinha vinte e sete annos, só um menos que Roberto. E um homem é sempre dez annos mais moço que uma mulher. Ainda mais sendo tão dynamico e jovial como elle...

Helena se levantou, e, aproximando-se da chaminé, se mirou no espelho. Estava delgada. Via-o com mais clareza que nunca. Aquellas rugas junto a sua bôcca, os circulos escuros sob os olhos... Parecia uma mulher de trinta e cinco annos... Não pensaria o mesmo Roberto? Elle era tão juvenil e cheio de vitalidade... Amava-a ainda? Ella sabia tão pouco de sua vida quando Roberto sabia... Elle dizia-lhe que jantava na cidade com seus clientes e que jogava golf com elles... Era verdade? Os homens usavam sempre pretextos semelhantes.

Sentiu-se indefesa naquelle frio apartamento que nem siquer era seu. Um apartamento que symbolizava toda sua vida. Nada lhe pertencia. Nada... Nem siquer seu marido. Talvez este fosse de uma duzia de mulheres...

— Preciso sahir... — pensou. — Porque corro o risco de ficar louca...

* * *

UMA hora depois, tocava a campainha de um apartamento, em um terceiro andar de Curzon Street. Eram duas e meia de um sabbado á tarde. Não esperava encontrar Luis Ridway, mas pensára nelle bruscamente, impulsivamente ao vagabundar por Piccadilly.

Luis fôra seu amigo durante muito tempo. Era a unica pessôa capaz de reconfortar seu espirito naquella tarde lúgubre. Podia sentir-se á vontade com elle. Seu coração experimentou um sobresalto de prazer ao ouvir rumor de passos no soalho e ao ver apparecer Luis Ridway no vão da porta.

— Querida! — disse elle, sorridente. — Que grata surpresa!

Aquella bôa-vinda a encheu de intima alegria. Ella se sentia tão abandonada...

— Estava de passagem por aqui, e me lembrei de vir ver-te.

(*Continúa na pag. seguinte*)

UMA ESPOSA IDEAL — (Continuação)

— E eu que me havia resignado a passar uma tarde aborrecidissima!...

Entraram no gabinete de Luis. O fogo ardia docemente na lareira. Um divan, uma cadeira, um escabêllo se encontravam proximos, sobre a cadeira, um livro. Aquelle recanto era tão attrahente... Luis sabia cercar-se de conforto, como só o sabem os solteirões londrinos...

Arranjou habilmente as almofadas para que Helena repousasse sua adoravel cabeça. Não só para si conhecia Luis o segredo do conforto. Sabia tambem tornar confortavel a vida de uma mulher... como o sabe um homem por cuja vida desfilaram muitas mulheres. Um consideravel numero de mulheres havia amado a Luis, e elle se mostrára com ellas a um tempo bondoso e egoista, impedindo-as que alterassem a ordem de sua vida. O controle que demonstrava em todos os seus actos dava a Helena uma sensação de paz e segurança em sua companhia. Já não experimentava a sensação de que o mundo desmoronára sobre ella...

Suspirou suavemente, emquanto elle lhe accendia um cigarro.

— Como a gente se sente bem aqui! — disse Helena. — Não mudei absolutamente nada...

Elle tambem não havia mudado. Ella o conhecia havia dez annos, e Luiz continuava o mesmo de dois lustros atraz. De modos tranquillos, silhueta elegante, rosto fino e olhos expressivos. Que idade tinha, Helena o ignorava. Pertencia ao genero de homens a quem não se attribúe idade alguma, e que, repentinamente, envelhecem numa só noite.

E agora ella se encontrava a seu lado, levando a iniciativa da conversação na mesma fórma mundana e interessante de outr'ora. Elle era correctòr da Bolsa, e conhecia a fundo a vida e os homens. Ella o escutava dominada pela firmeza de suas palavras, com a mesma attenção com que o escutára dez annos atraz, quando ainda era uma menina. Apaixonára-se um pouco por elle, o sufficiente para ser sua esposa si elle o quizesse. Mas elle não a pedira nunca, embora tambem estivesse apaixonado por ella. Era um solteiro muito impedernido para se casar. E, apesar de tudo, ella não lhe tinha nenhum rancor. Depois, era um allivio estar aquella tarde tão monótona em companhia de uma pessôa intelligente que conhecia seu modo de pensar...

— E' a hora do chá — disse elle, por fim. — Meu criado sahiu. Fal-o-ei eu mesmo.

Improvisou um chá riquissimo, com pastel, sandwiches, de *foie gras* e anchovas. Quando acabavam de beber, a penumbra já invadia o aposento. A chuva espreguiçava-se melancolicamente contra as janellas...

— Fecharei... — exclamou Luis, de repente.

O quarto parecia mais quente, mais intimo, com as cortinas azúes extendidas sobre as janellas e a luz da lampada fazendo concorrencia á chamma da lareira.

— Sinto-me tão feliz, agora! — disse ella. — E sentia-me tão desditosa quando aqui cheguei...

— Desditosa, Helena? Por que?

— Não sei, Luis. Por causa... da vida, em geral.

— E por causa de Roberto, em particular... não é assim?

— Em parte, sim.

— Em parte? Ha algum outro motivo?

— Não sei... Estive tão preoccupada... Dize-me, Luis. Já não pareço bonita?

— E's uma tolinha...

Luis segurára-lhe a mão, e a apertava com suavidade e firmeza a um tempo. Aquella pressão tinha a doçura da caricia e a fortaleza do apoio. E na voz delle vibrava uma affectuosa ironia.

— E' isso tudo o que te preoccupa?

Helena se poz a rir, mais tranquilla porque elle não o levára a sério.

— Ha muito mais...

Começou a falar. Era-lhe facil despir seu coração naquelle aposento confortavel e penumbroso, com aquelle homem que elle conhecia desde muito, do qual estivéra apaxonada, e que, a seu modo, a quizéra tambem, mas sem exigir-lhe nada, sem mudar de vida, deixando-a entregue a si mesma. Po-

MOZAICOS

UMA MYSTERIOSA HISTORIA DE ROSAS

Não faz muito, a condessa Fedora Sternowska, de 35 annos, morria na Albania em circumstancias mysteriosas.

Dias antes de sua morte, a condessa Fedora fizera conhecimento com um individuo que se dizia companheiro de regimento do noivo della, um official que morreu na batalha de Tannemberg.

A condessa convidou o referido individuo a tomar chá em sua companhia. O visitante enviou-lhe, então, um magnifico ramo de flores que a creada collocou na alcova de sua patrôa. A's nove horas da noite a creada deu com a condessa morta na referida alcova. Joias de grande valor e regular quantia em dinheiro haviam desapparecido.

Um detalhe curioso, que levantou fortes suspeitas: as famosas rosas tambem haviam desapparecido e a policia italiana não poude encontrar o visitante da vespera.

Uma irmã da condessa retirou-se, profundamente acabrunhada, para uma sua propriedade nas pro-

(Conclusão) — UMA ESPOSA IDEAL

dia falar-lhe a elle com uma liberdade única... Era um grande alivio, e não existia o perigo dos mal-entendidos...

— Não achas que estou muito velha? — interrogou, com ansiedade.

— E's, para mim, o que sempre foste.

— Luis!

Vibrava em sua voz uma gratidão tão terna, que a elle pareceu muito natural cingir-lhe as costas com o braço, aproximando-a de si. No cárcere daquelle braço familiar, a joven sentiu-se protegida.

— Estive tão preoccupada, Luis, pensando que havia deixado de ser bella... Suppuz que elle não mais me amasse...

Elle a interrompeu:

— Eras bella quando moça... E's ainda mais bella como mulher. Mas não pódes agradar a todos... Teu typo está muito longe do vulgar... E quando um homem se apaixona por ti, está predestinado a amar-te sempre...

— Si eu pudesse acreditar nisso, Luis...

— Não te parece que sou a melhor prova?

Nos olhos de Luis ardia o mesmo olhar affectuoso que ella vira na noite do primeiro encontro, dez annos atraz. Aquella noite da qual regressára com o coração palpitante, perguntando a si mesma si lhe cansára uma impressão tão viva como a que ella conservava delle...

— De modo que... continúas amando-me?

— Amar-te-ei sempre.

Ternamente, lentamente, elle lhe falou de tudo o que ella significava para elle, de tudo o que devia significar... Era a primeira vez que elle lhe falava daquelle modo. Havia muito tempo que ella não escutava galanteios e era tão doce ser amada! Sentia-se como uma deusa deante da qual o sacerdote espargisse incenso. Fóra tão infeliz, tinha a sensação de ser tão fraca e inútil. A felicidade retornou a seu coração, e ella se sentiu forte ao pensar em que aquelle homem podia necessitál-a ainda em sua vida depois de tantos annos...

— Sempre te amei... Amo-te... Continuarei amando-te.

— Luis!

Helena voltou a cabeça. Seus labios encontraram-se. Foi um desses beijos prolongados e cheios de paixão que fazem esquecer tudo... O desejo que sentia, de se impregnar daquella ternura, a dominou...

* * *

PASSAVAM de seis horas quando voltou á rua. Fazia frio, e se eternizava uma garôa insupportavel. Mas Helena regressava ao lar com passo alegre e coração leve. Perguntava a si mesma por que estivéra triste. Agora lhe parecia que as penas não eram deste mundo.

No *hall*, viu uma bolsa com páos de *golf*. Na sala, Roberto contemplava o fogo da lareira com ar desconsolado.

— Um dia horrivel — manifestou. — A chuva não cessou um momento. O homem a quem eu tinha particular interesse em causar uma bôa impressão jogou tão mal, que se sentiu envergonhado á segunda volta, e foi para casa depois de tomar o chá.

Parecia um garoto mal-humorado a quem houvessem tomado o brinquedo. Elle teve vontade de rir.

— Nesse caso..., já que dei folga á cozinheira e é cêdo, pódes levar-me para jantar fóra. Depois, iremos assistir a alguma comedia musical. Manda reservar as entradas emquanto me visto...

Preparou-se com mais cuidado e arte que nunca. Depois, durante o jantar naquelle restaurante de luxo, Roberto não tardou em esquecer sua decepção da tarde, sob a influencia das hábeis phrases de sua mulher. Naquelle cinema, uma fita engraçada acabou distrahindo-o.

Quando regressaram ao lar e elle contemplou a esbelta silhueta de Helena junto ao resplandor da chaminé, o marido pensou, em um impulso de vaidosa satisfação:

"Sou um homem feliz, realmente!... Que admiravel mulher admiravel, a minha!"

E não suspeitava, o egoista, que aquella mulher havia deixado de ser sua para sempre.

...idades de Varsovia. E, ahi, depois de alguns dias, um estranho enviou-lhe um ramo de rosas vermelhas. A senhora entregou as flores a sua camareira, recommendando-lhe que as jogasse fóra. A domestica, porem, não executou a ordem e collocou as flores no seu quarto. No dia seguinte foi encontrada morta. Tambem o ramo de rosas vermelhas desapparecera...

O CUSTO DA VIDA NO PRINCIPIO DO SECULO PASSADO

Fernand Laudet fez interessante communicação á Academia de Sciencias Moraes e Politicas de Paris. Com o auxilio de documentos de familia poude reconstituir a vida de um proprietario em Armagnac de 1820 a 1840.

Vendia-se um cavallo por 46 francos; um carneiro, 7,50 francos; uma lebre, 50 centimos.

A libra de carne de vacca custava 10 soldos; o pão, 15 centimos por libra; o litro de vinho tinto, 20 centimos.

Os salarios dos operarios era de 0,75 francos e os dos trabalhadores do campo, 0,60. Um carpinteiro ganhava 510 francos dentro de seiscentos e oitenta e um dias de trabalho, o que custaria hoje 17.075 francos.

ELLA está emocionada. Passa de uma para a outra mão seu lencinho branco bordado de negro, seu lencinho de viuva. E continúa:

— Soube disso por teu amigo Nizet Marcos. Raymundo não se atrevia a falar comtigo, e pediu conselho a Nizet. Um dia, veiu e bateu á porta...

* * *

COM effeito, um dia Raymundo bateu á porta do primeiro esposo de Thereza. E, entre os dois homens, se verificou este dialogo:

— Cavalheiro? — inquiriu Marcos, entrando na salinha onde aguardava o visitante.

— Raymundo Maurille — apresentou-se o outro. — Sou o novo esposo de sua primeira mulher.

— Ah! Com muito prazer, senhor!

— O prazer é meu. Ignorava o senhor que Thereza havia contrahido segundas nupcias?

— Ignorava-o.

— Quer dizer que sua primeira esposa deixou de interessál-o?

— Oh, senhor! Confesso-lhe que...

— Eu já o imaginava! O senhor conserva por

A INFORMAÇÃO

ella uma amavel indifferença. Não, não procure desculpar-se. E' o logico. Thereza significou alguma coisa na vida do senhor, mas já não significava nada. O senhor se casou pela segunda vez. Ella tambem. Sei que o senhor não se casára com ella por amor. E seu divorcio foi motivado pelo interesse. Em resumo: não tenho motivos para sentir ciumes do senhor, que, por sua vez, não tem motivos para os sentir de mim. Podemos conversar, então, sem animosidade e sem violencia. Até poderiamos a chegar a ser bons amigos, si nossos espiritos coincidem em gostos e inclinações. Entretanto, não peço tanto. Basta-me que o senhor me attenda com indifferença, com neutralidade, como a qualquer outra pessôa, como a um desconhecido qualquer... E agora permitta-me, senhor, que lhe communique o fim de minha visita. Conheço Thereza exactamente ha sete mezes. Apaixonei-me por ella a primeira vez que a vi. Dado meu temperamento vivaz e emprehendedor, não é de estranhar que dois mezes depois estivessemos casados. Faz, pois, cinco mezes que contrahimos nupcias. Cinco mezes é muita coisa e não é nada. Bastam para aplacar certos impulsos, mas não chegam para se conhecer a fundo uma pessôa... Pois bem: estes sete mezes de convivencia com Thereza não me impediram de continuar verificando que no mundo ha outras mulheres bonitas. Durante esse tempo, me limitei, não obstante, a olhar de passagem essas mulheres. No fim dos sete mezes... como lhe direi?... Detive minha marcha para melhor contemplar uma dessas mulheres bonitas. Trata-se de uma pequena aventura, senhor. Uma aventura deliciosa... Dependeria apenas de mim...

— Apenas do senhor? — perguntou o outro, interessado.

— Isto é... Ha um obstáculo. O outro dia, procurando não sei que no toucador de Thereza, encontrei... um revolver! Que me diz? Um revolver!... Eu estava muito longe de suspeitar coisa semelhante. Tenho outro conceito do que a gente chama infidelidade conjugal. Meu pae, por exemplo, foi um homem inteiramente livre. Minha mãe soffreu muito, em silencio, mas as coisas nunca passaram disso. Ou seja: não houve tragedia. Assim deveriam ser todas as mulheres! Affirmo-lhe que eu não quizera dar desgostos a Thereza. Não. Dedico-lhe um affecto sem limites e tenho a esperança de terminar meus dias a seu lado. Si não vacillaria em enganál-a é porque... vamos!... é porque si o bom Deus suppuzesse que uma mulher é sufficiente para um homem, não teria posto no mundo tantas mulheres bonitas... Eu estava disposto, de qualquer maneira, a proceder de fórma a que

De André Birabeau

Thereza não suspeitasse de nada. Todo esposo que se preze deve fazer o mesmo... Si, apesar disso, a mulher da gente suspeita de alguma coisa, resta o consolo de saber que se esgottaram os recursos para evitar que suspeite essa alguma coisa... Pois bem: o caso muda si a mulher, em vez de conformar-se em soffrer calada, compra um revolver... Eu não vacillarei em enganar minha esposa si minha infidelidade só fizer derramar algumas lagrimas. Mas si fizer derramar sangue, e sangue meu!, prefiro continuar sendo um marido fidelissimo. O amor é um pouco divertido, agradavel. Ninguem o põe em duvida. Mas si o amor deve terminar com um, dois ou tres cadaveres, então a coisa fica séria... Não, não! Nada de sangue! Assim não brinco! Por outro lado, seria uma estupidez que eu me privasse das pequenas aventuras que se me offerecem si Thereza não dá maior importancia a essas distracções extra-conjuges... O senhor me comprehende? Si Thereza não toma as coisas ao tragico eu posso, tranquillamente, permittir-me certas picardias... E vamos ao que importa. Ignoro em absoluto como se portaria Thereza deante de uma situação dessa natureza!... Faz apenas sete mezes que a conheço. E o senhor sabe muito bem que, nos primeiros tempos de vida conjugal, nem a mulher nem o marido se mostram taes como são. A lua de mel é um jogo de dissimulações. Thereza é de temperamento irascivel? Ignoro-o. Nem siquer tivemos, até agora, uma só discussão. Ella me dá a impressão de uma mulher tranquilla. Poderia, no emtanto, fingir-se de tranquilla. Thereza deve suppôr, uma vez que estamos casados apenas ha cinco mezes, que lhe sou fiel... O revolver póde significar muito ou nada. Póde ser uma arma inquietante ou um brinquedo innocente... Intrigado, perguntei a Thereza: "Para que queres esse revolver?" E ella me respondeu, sorrindo: "Um revolver é indispensavel em qualquer casa". Resposta que póde ser tomada em um sentido ou noutro. Tudo depende do genio de Thereza! E eu não conheço o genio de Thereza... Dahi o me ter lembrado do senhor. Depois de muito reflectir, eu pensei, no dia seguinte: "Ha um homem que me poderia informar. Seu primeiro marido, que viveu cinco annos com ella. Esse homem deve conhecêl-a!" Vacillei, antes de apresentar-me nesta casa. Trata-se, como o senhor comprehenderá, de um assumpto um tanto delicado... Mas, em summa, que venho solicitar do senhor? Uma informação... Informação que para mim tem importancia excepcional. Della depende a adopção de tal ou qual norma de conducta... Depende muito mais: minha propria vida. Si Thereza é irascivel... paciencia: refrearei meus impulsos... Serei esse bicho raro que se chama *marido fiel*... Mas o senhor comprehende que seria imperdoavel renunciar a tanta coisa agradavel, si Thereza tem um temperamento sereno, si Thereza não é capaz de usar um revolver... O senhor é a unica pessôa que póde resolver minha situação... E espero que não me negará a informação que lhe peço... Vejamos: posso permittir-me taes... distracções, ou devo... renunciar a ellas?

* * *

THEREZA, commovida, passa o lenço da mão direita para a esquerda e da mão esquerda para a direita:

— E tu, Marcos, lhe respondeste: *Deve renunciar a ellas.*

Sim, Marcos se recorda claramente da scena. A principio, vacillou, sentindo-se perturbado. Olhou com espanto Raymundo Maurille, um moço de faces coradas e olhar vivissimo, que falava com um bom humor quasi pueril. Por fim, se decidiu. E sua resposta foi: *Deve renunciar a taes distracções...*

Thereza prosegue:

— Raymundo e eu vivemos juntos oito annos. Elle acaba de morrer estupidamente, em um de-

(Conclue na pag. 17)

Bruno de Martino — GUERRA AOS SINOS — Rio — 1932 — 4$

O titulo do volume indica, desde logo, tratar-se de uma obra de combate. O autor é um espirito combativo, um pamphletario vigoroso, polemista vivo, que sabe esgrimir as idéas e a penna. Lins de Vanconcellos, no *post-facio* do livro, focaliza perfeitamente a personalidade do escriptor. E synthetiza o pensamento do autor, que "*visa substituir o sentimento religioso ou a tendencia religiosa, pela acção exclusiva do Trabalho. Fez da Natureza, do Infinito, o templo universal; do dever commum de solidariedade no Trabalho, uma lei geral que conduz á fraternidade. Assentou, por assim dizer, a inutilidade das religiões.*"

O livro tem para nós um defeito: é por demais destruidor. Mas, contém algumas verdades, duras de roer...

M. Maryan — NOIVADO DE AMBIÇÃO — Flores & Mano, edts. — Rio — 1932 — 4$

A apreciada *Collecção primavera*, de romances escolhidos para moças, conta com mais este excellente volume, traduzido do original francez: *Le bonheur au logis.*

A INFORMAÇÃO

(CONTINUAÇÃO)

sastre de automovel. E durante esses oito annos nunca me trahiu. Graças a ti, Marcos...

E, em voz baixa, accrescentou:

— Por que lhe disseste isso, Marcos? Tu me conheces bem. Sabes que sou exactamente o contrario de uma mulher violenta. Quando me ferem ou offendem, só sei chorar... Por que não quizeste que eu fosse infeliz? Conservas ainda algum affecto por tua primeira esposa?... Asseguro-te que tua attitude me commoveu...

Marcos, porém, inclina a cabeça, e responde:

— Não. Não se trata disso. Não pensei em ti, mas em mim. Porque eu tambem sou casado...

Thereza repete, machinalmente:

— Tambem estás casado...

— E minha mulher é ciumenta — conclúe Marcos. — Oh! Ella, sim, que seria capaz de empunhar um revolver e apertar o gatilho quantas vezes fossem necessarias para esgottar as balas!... Quando Raymundo me expoz sua situação, eu pensei, como te digo, em mim... Que queres?... Ninguem é perfeito nesta vida... E dei aquella resposta a teu marido porque desejava ter o consolo de não ser o unico homem que se visse privado... privado durante toda existencia, e contra a vontade, dessas pequenas e deliciosas aventuras como as chamava teu esposo... Dessas pequenas e deliciosas aventuras que tentam, diariamente, a todo homem...

As ultimas phrases de Marcos parecem impressionar Thereza.

Nas pupillas da viuva ha uma dilatação de espanto. Porque aquellas ultimas phrases dizem com clareza, com excessiva clareza, que na vida de Marcos já não poderá haver nenhuma aventura. Absolutamente nenhuma. Nem siquer a aventura que, talvez, Thereza lhe tenha ido offerecer...

Aurora Amorim de Lemos — OS TITULARES DA FUZARCA — Rio — 1932

TRATA-SE de uma comedia musicada em 2 actos, *charge* a um negociante de ferragens que obteve o titulo de *Conde*, como diz a autora. A publicação só se justifica pelo facto do producto da venda da peça reverter em beneficio das viuvas e creanças necessitadas.

Sax Rohmer — A MÃO DE FU-MAN-CHU' — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

O nome deste escriptor norte-americano figura pela primeira vez na *Collecção amarella*. Trata-se de uma novella passada em Londres, onde a policia trava luta com um terrivel bando de chinezes que conspira contra a raça branca, e sua leitura desperta vivo interesse.

Barros Fournier — PAX — Rio — 1932

NESTA obra, estão enfeixados os mais modernos conhecimentos de espiritismo. Excluida a idéa dogmatica, ou simplesmente religiosa, o autor teve por objectivo offerecer aos leitores uma synthese rigorosamente scientifica. Esse proposito honesto foi plenamente attingido. E' um trabalho de todo o ponto de vista util. Ensina, esclarece, revelando a grande cultura do seu autor.

Sankara — A MEMORIA EM 12 LICÇÕES — Flores & Mano, edts. — Rio 1932 — 3$

A memória, como adquiril-a, como desenvolvêl-a? Eis o objectivo desta interessante obra, traduzida por Bandeira Duarte, destinada á *Bibliotheca de cultura individual*. Leitura de utilidade para disciplinar o espirito.

Else Mazza Nascimento Machado — OFRENDA HUMILDE — Rio — 1932

A sra. Else Machado, que no anno findo publicou *Humilde oblata*, um bello poema de rythmos largos, teve a fortuna de encontrar para os seus versos um traductor de talento.

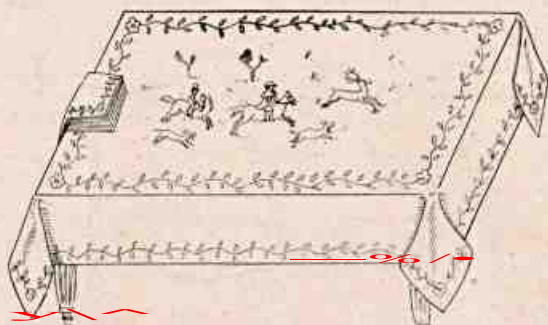
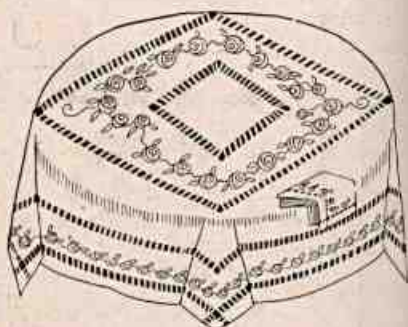
Leopoldo Ramos Giménez, tambem poeta destacado no circulo das letras do Paraguay, espontaneamente, encarregou-se da versão, para o castelhano, do livro da sra. Else Machado, captivante homenagem a um espirito brasileiro que nós já applaudimos nestas mesmas columnas.

Num expressivo prefacio, o sr. Leopoldo Giménez, que é um admirador da nossa poesia, explica as razões que o levaram a divulgar a obra da sra. Else Machado. *"Ella cree cantar como mujer. Sus temas son asi sobre si misma, alcleos de fiesta sobre el nido. Se percibe la función de lo que uno cree ser antes de todo en la vida. Nos parece sinembargo que hay en ello mucho de sugestión, dulcisima y bienhechora, si se quiere porque sus versos, en todo momento, dan la sensación de una oculta corriente caudalosa que, sin salir a la vida, se hunde en la amargura del espiritu.*

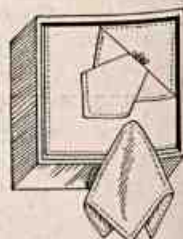
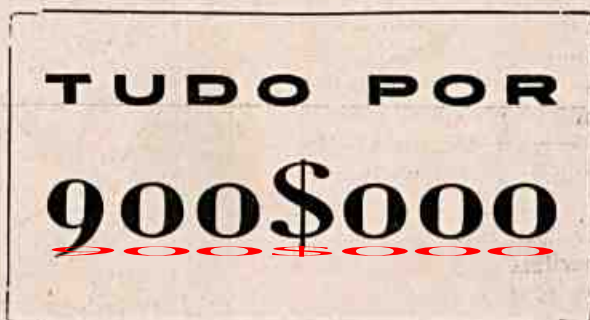
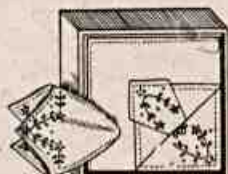
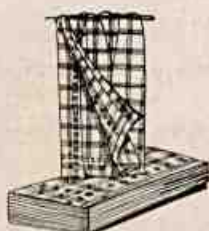
Y esa tragedia, que solo se percibe como el reflejo de los mas altos exponentes de la humanidad, obedece a proyecciones mentales trancendentes por en cima de las diarias fórmulas en que oficiamos el holocausto a la vida."

Com essa luminosa comprehensão do sentido da vida espiritual, o poeta paraguayo conservou, no trabalho que acabamos de lêr, todas as bellezas da obra da poetisa brasileira.

(assinatura)

Partidas de legitimo Linho Belga, com as seguintes peças:

Uma toalha de linho para mesa, com 1m,60 x 3,000 com a «Ceia de Christo», ou «Caçador» e uma duzia de guardanapos de linho, com 0,70 x 0,70, com «Ceia de Christo» ou «Caçador»

Uma toalha de linho para chá, com 1m,50 x 1m,150, e uma duzia de guardanapos de linho, para chá

Uma duzia de toalhas de linho, com franjas, para rosto, com 0,70 x 1,m30

TUDO POR 900$000

Uma duzia de lenços de linho para senhora

Uma duzia de lenços de linho para homem

Uma duzia de pannos de linho para cozinha, com 0,70 x 0,70

Uma peça com 20 metros de linho para lençóes, com 2,m20 de largura

Uma peça com 20 metros de cambraia de linho, com 0,90 de largura

Uma peça com 20 metros de linho para fronhas, com 0,90 de largura

Vendas por atacado e a varejo

Na CASA PACHECO

158 — Rua Uruguayana — 160

Telephone 3-4504 - (Esq. da rua da Alfandega) - Caixa Postal 3084

Realizou-se na semana passada a primeira recepção que o novo embaixador do Japão e a sra. Hayashi offereceram, na séde da embaixada nipponica, ao mundo official e diplomatico e á sociedade carioca. E' um aspecto dessa festa o que focaliza o nosso «cliché».

RENDAS DE ESPUMA

(Conclusão)

O que ella evocará, não é o entrecho, não é a these, a côr local, as figuras, a humanidade que a povoam. Evocará, tão somente, aquella que foi a razão de ser das suas horas bôas e remotas; a sua collaboradora efficiente, a sua "tendre camarade", como diria Maurice Magre. Em summa, ella fará acordar, na sua memoria exaltada, no silencio da sua saudade em vigilia e das suas recordações afflictivas, aquella que é a sua obra de arte, a sua dôr, a sua desesperança, o seu desconsolo sem termo, pesado de soluços.

Evite a sua collaboradora intelligente, meu caro X...

Yves

FON-FON em Berlim: os jornalistas Severino Barbosa Corrêa, Lincoln Nery da Fonseca e Octavio Lima, que viajaram no «Graf Zeppelin» até a Allemanha, como representantes da Associação Brasileira de Imprensa, cercados de varios collegas allemães, por occasião do almoço offerecido aquelles nossos confrades, na Casa de Imprensa, daquella capital.

Os doutorandos de medicina da turma de 1932 escolheram o dia 3 de outubro para as festas de sua collação de grão, que tiveram inicio com a missa em acção de graças mandada celebrar na igreja da Candelaria, e terminaram com a recepção offerecida nos salões do Automovel Club do Brasil. A cerimonia da collação do grão realizou-se á tarde de segunda-feira, no theatro João Caetano, sob a presidencia do reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Fernando Magalhães. Esta pagina focaliza: no alto, os novos médicos, após a missa; ao centro, a collação de grão, e, em baixo, a festa no Automovel Club.

GUSTAVO BARROSO — *LUZ E PÓ*. — *RIO* 1932

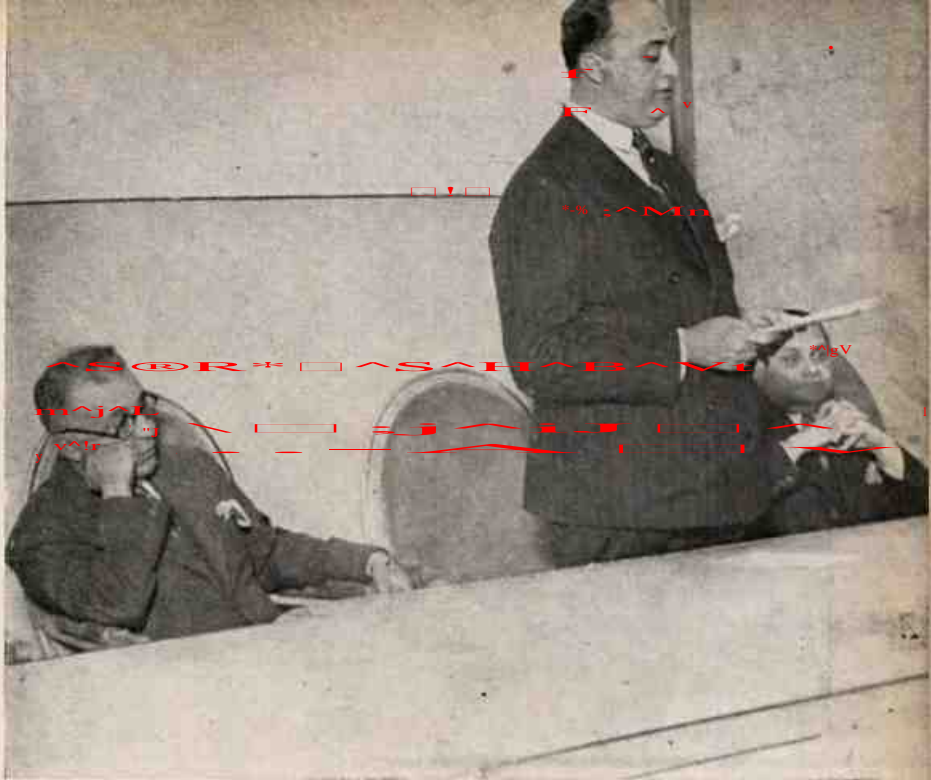
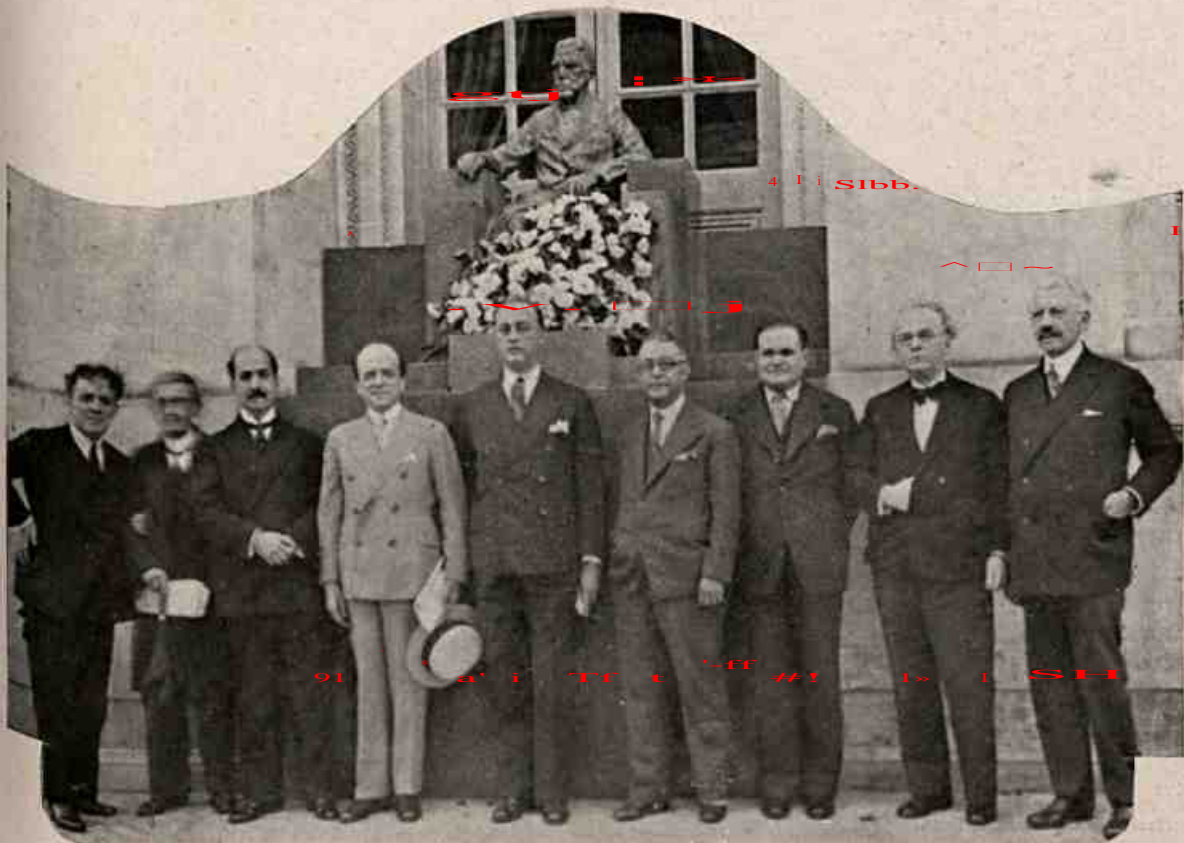
(Pequena *impressão*)

Gustavo Barroso chegou ao ápice da montanha sagrada.

As suas obras repetem-se com o vigor dos deuses. Este volume é feito com talento, sentimento e erudição. É o pensador vigoroso e sceptico e ás vezes pessimista, que se revéla. Frequentemente apparece o folk-lorista para mostrar os seus processos de estudioso e de apaixonado das lendas. O livro está cheio de factos historicos e de anecdotas que dão um sabor pitorico ao volume. Percebe-se o "anotador á margem das suas investigações." O Autor mostra ás vezes o pensamento e a alma para que o publico conheça as suas dores e as suas duvidas sentimentaes e philosophicas.

O livro é lido com prazer intellectual. Vae-se rapidamente ao fim. Ha capitulos muito interessantes; alguns cheios de pensamentos profundos, outros cheios de graça e chiste. Neste particular a obra mostra-se um pouco desigual. Ha no livro uma mistura de Marco Aurelio e de João do Norte: o pensador, o estilista elegante e o folk-lorista. Os capitulos sobre o amor, o esquecimento, o silencio, o trabalho, a virtude, e muitos outros, encerram grandes verdades e grandes bellezas.

O feixo do prologo é toda a synthese do livro: "Lembra-te, homem, que és pó e em pó te tornarás. Porem lembra-te, ao mesmo tempo, que és luz e luz tornarás a ser. Porque a luz e o pó nasceram no mesmo dia e da mesma semente".

A. AUSTREGESILO

Coincidindo a passagem da data em que morreu Machado de Assis, o grande romancista patricio, com aquella em que se celebrava o centenario de Walter Scott, o genial novellista inglez, a Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão em homenagem aos dois expoentes das letras ingleza e brasileira. Presidiu-a o academico Gustavo Barroso, presidente da illustre companhia e redactor chefe de FON-FON, que pronunciou uma breve allocução, exaltando a obra do creador de «Ivanhoe», seguindo-se com a palavra o sr. conde de Affonso Celso, que discorreu longamente sobre a figura de Scott. Encerrando a homenagem, os academicos dirigiram-se para a frente do «Petit Trianon», onde jogaram flôres sobre o busto de Machado de Assis. Nas photographias desta pagina apparecem aspectos do momento em que Gustavo Barroso fallava e do após a ornamentação do busto de Machado de Assis.

Repercutiu dolorosamente no seio da sociedade carioca, bem como no espirito publico de todo o paiz, o desastre de aviação em que tombou o bravo piloto patricio Haroldo Borges Leitão. Querido e admirado, não só entre os seus collegas de armas, mas, tambem, nos circulos da «élite» da metropole, o seu enterramento congregou as suas amizades e admirações, numa ultima e sentida homenagem. O «cliché» desta pagina reproduz a sahida do feretro do Club Militar para o cemiterio de S. João Baptista.

Pax !

SOBRE a alma brasileira, tão rudemente provada neste delicado momento da vida nacional, distenderam-se, emfim, as azas brancas da Paz. E, com as alviçaras dessa Paz, generosa e munificente, nobre e elevada na alta finalidade que objectiva — Paz pela Ordem e pelo Progresso do Brasil, Paz pela confraternização de todos os brasileiros, Paz pela tranquillidade de todos os nossos lares — novos alentos, novas energias, novas esperanças desvendam á nossa idealidade e ás inspirações do nosso mais sadio patriotismo o campo vasto e fecundo de uma nova sementeira de fé nos destinos do Brasil. De fé e de acção dynamica. Fé na indestructibilidade de uma Patria, immensa e generosa, integrada no coração dos brasileiros de hoje e amanhã pela communhão espiritual da tradição historica, pelas vozes profundas da terra e dos seus grandes mortos, pelo carinho illuminado da eterna benção de Deus a descer sobre nós, do azul do nosso céo, através do Cruzeiro do Sul.

Paz! Pro aris et focis... Pelos nossos altares e pelos nossos lares... Paz!

E, de norte a sul, pelas nossas quebradas e pelos nossos valles; sobre o dorso liquido e marulhoso das nossas aguas; sobre o relvado verde dos campos onde, ha seculos, os rudes e audazes brasileiros traçaram a epopéa das bandeiras, realizando a obra formidavel da nossa expansão territorial, as preces exultantes, em louvor da Paz, fazem curvar, na contricção da sua fé interior, a alma immensa e o immenso coração do Brasil.

Depois da prece votiva, nos altares da Patria, em acção de graças a Deus pela Paz que commungámos no vinho eucharistico do sangue dos patricios que tombaram nos campos de luta, a obra ingente da reconstrucção da vida nacional está chamando a postos todos os brasileiros de bôa vontade.

A postos, todos, com a esclarecida comprehensão das responsabilidades e sacrificios que a Patria exigir de cada um.

E que tudo se faça por um Brasil cada vez maior e mais integrado na verdadeira consciencia do seu grande destino historico...

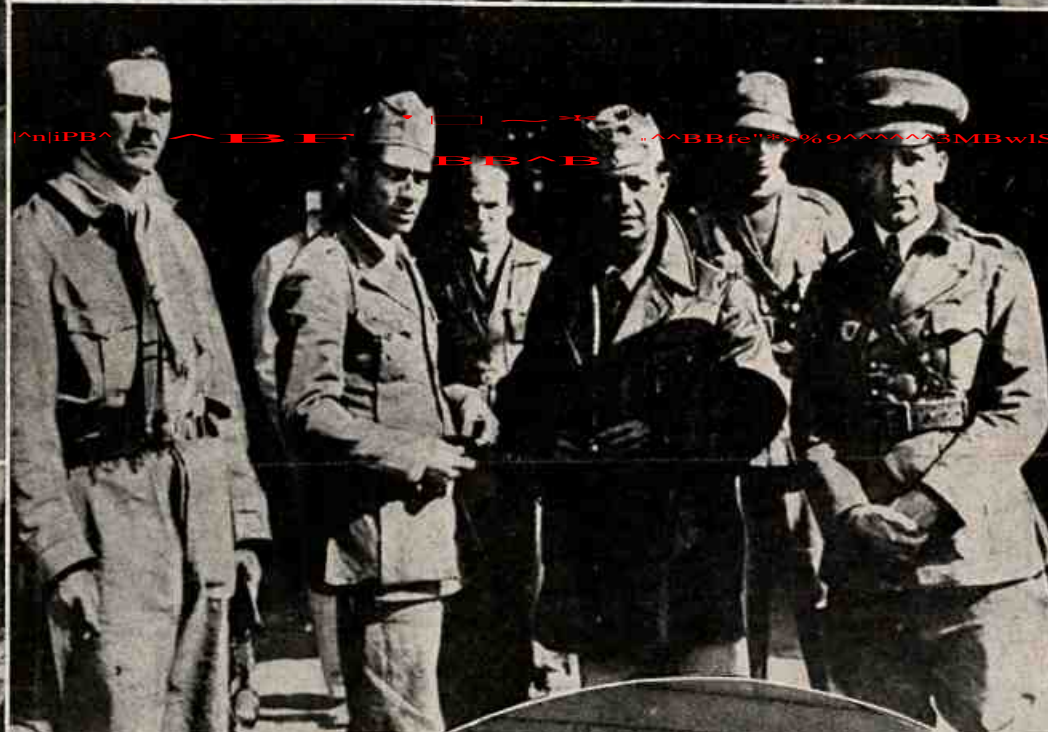
SABEDORIA

A mulher que deixa desastradamente o marido fartar-se da felicidade que ella lhe dá corre o grande risco de não ver essa felicidade durar muito tempo... — *Mme. Charles Reybaud.*

Os emissarios do general Bertholdo Klinger, quando chegavam na cidade de Cruzeiro, para negociar com o representante do general Góes Monteiro, commandante do Exercito de Léste, as condições da paz proposta pelo chefe das forças paulistas. São elles o tenente-coronel Oswaldo Villa-Bella, o major Ivo Borges e o tenente Corrêa Velho, que apparecem no medalhão e no instantaneo de baixo. Na outra photographia se vê o general Daltro Filho, nomeado governador militar de São Paulo.

No alto: o estado maior do general Daltro Filho observando as trincheiras paulistas, após a cessação das hostilidades.

Ao centro: soldados paulistas apresentando-se ao commando das forças dictatoriaes, em Lorena.

Em baixo: a ponte sobre o Parahyba, do ramal de Piquete, em Lorena, no estado em que ficou.

Acpectos da capital paulista nos primeiros dias do movimento armado que ali irrompeu a 9 de julho. O general Klinger no dia de sua chegada a S. Paulo. O cel. Euclydes Figueiredo, e seu estado maior, ao embarcar para a zona de operações. O general Isidoro Dias Lopes na estação da Luz, em companhia de outras personalidades destacadas do movimento. Aviadores major Lysias Rodrigues, tenente João Gomes Júnior, major Ivo Borges, e capitão Ismael Ribeiro.

O INCENDIO DO COMMANDO GERAL

O quartel general de Santo Amaro presa das chammas, após a explosão de uma bomba que alli estava sendo experimentada. O coronel Julio Marcondes Salgado, commandante geral da Força Publica Paulista, que morreu no desastre. Grupo tomado á porta do Mosteiro de São Bento, após a missa de sétimo dia alli celebrada por alma das victimas da explosão, vendo-se o general Isidoro Dias Lopes e officiaes de seu estado maior.

SABEDORIA

Muitas vezes, o amor não é mais do que uma amalgama de desejo e preferencia; assim, póde ser apenas ambição como póde ignorar a abnegação e não ter nenhuma parcella de dedicação e generosidade. — H. G. Wells.

IMPRENSA CARIOCA

JORNAL DO COMMERCIO

O anniversario do "Jornal do Commercio", que transcorreu a 1.º do corrente, deu ensejo a que os nossos collegas do velho e prestigioso matutino recebessem innumeros cumprimentos, aos quaes, prazerosamente, juntamos os de Fon-Fon, acompanhados dos nossos melhores votos pela prosperidade do "Jornal do Commercio".

OS ACONTECIMENTOS EM MINAS GERAES

O tenente Roy ouvindo um soldado paulista, prisioneiro, em Manacá.

O 19.º B. I. P. ao partir de Manacá, rumo ao «front».

Os majores Pinto e Persilva junto á cruz que mandaram erguer no sector do Tunel, em frente ao seu P. C.

DIARIO DA NOITE

O brilhante vespertino dos *Diarios Associados* completou, a 5 deste mez, o seu quarto anno de existencia, dedicada, superiormente, aos interesses da cidade e do paiz.

Por isso mesmo, muitas foram as felicitações recebidas pelos directores e auxiliares do "Diario da Noite", cuja popularidade não é preciso salientar. Fon-Fon cumprimenta, tambem os prezados confrades anniversariantes.

O Hospital Cirurgico installado em São Bento. Vêem-se na photographia os drs. Santa Cecilia, Gomes, Quadros e Jocelino.

SABEDORIA

A mulher que ama pouco véla pela sua reputação e teme perdel-a; a que ama demasiado, sacrifica-a facilmente ao seu amor. — *Achille Poincelot.*

O dr. Soares Filgueiras, chefe do Centro de Saúde de Campo Grande, foi homenageado pelos funccionarios daquella dependencia da Saúde Publica, por motivo de seu anniversario natalicio. O nosso «cliché» focaliza dois aspectos dessa manifestação, vendo-se o homenageado entre as pessôas que assistiram á missa em acção de graças, celebrada na matriz de Campo Grande, e ao lado de seu collega dr. Soares, sub-chefe do mesmo Centro de Saúde e cercado pelos seus auxiliares.

Senhorita Dinorah França Americano, joven pianista, laureada pelo Instituto Nacional de Musica, e distincta figura da sociedade de Juiz de Fóra.

❦ ❦ ❦

CONCEITOS DE EMILE OLLIVER

A elevação dos nullos é uma insolencia da fortuna.

As concessões augmentam as exigencias e não as desarmam.

Ha homens cuja vida fica sempre reservada para o dia seguinte dos acontecimentos.

As guerras legitimas tambem produzem seus beneficios.

Alguns homens honestos tornam a honestidade odiosa.

Certos odios provam que valemos muito.

Quando se vêm quantos males produzem as revoluções mais justas, mal se comprehende a audacia de assumir a terrivel responsabilidade duma mudança politica.

As vinganças dos poetas são longas e retumbantes.

Nas revoluções, a gente precipita-se tanto mais para deante quando menos sabe onde vae.

Declamadores! Flagellos do mundo!... Lendo certos discursos politicos, a gente cuida estar numa

Robe de crepe chemisier (gris et camaieu de jaune et beige). Ceinture de cuir brun clair á la robe et au chapeau). Chapeau de même tissu piqué.

(Photo da Casa Jean Patou especial para FON-FON).

A inauguração, no Palace Hotel, do Salão Branco e Preto, constituiu a grande attracção artistica da semana passada. Objectivando, na sua finalidade essencial, dar mais expressão de relevo, maior animação e movimentação á nossa arte, o valioso conjuncto que tomou a si a feliz iniciativa da creação do Salão Branco e Preto fez a sua estréa sob os melhores auspicios. A gravura acima focaliza um aspecto do acto inaugural do novo e interessante salão de arte, vendo-se no grupo varias figuras representativas dos nossos circulos artisticos e sociaes.

SEGURO DE TURCO

O turco Salomão encontra o turco Nagib e conversam. O ultimo narra a reforma por que fez passar seu estabelecimento e conclúe:

— Imagine tu que fiz até um seguro!

— Fizeste mesmo?

— Juro por Deus que fiz dois: um de cincoenta e o outro de cem contos.

— Em que condições?

— E' simples. Se a minha casa pegar fogo, a companhia me pagará cem contos, e, se houver um terremoto, reconstruirá tudo e me pagará os cincoenta.

Salomão abala a cabeça e responde com pena:

— E's um bôbalhão!

— Bôbalhão, por que?

— Ora, essa!... Porque o incendio podes arranjar, mas o terremoto?

O dr. Alcides Nogueira da Silva, que, como delegado do governo provisorio, representou o Brasil no Decimo Congresso Quinquenal Internacional de Homeopathia, recentemente realizado em Paris, foi, por motivo de seu regresso e do brilho com que se desempenhou de sua missão, expressivamente homenageado por um grupo de amigos e collegas, os quaes lhe offereceram um festivo almoço, realizado domingo ultimo.

Como nos annos anteriores, o Syndicato Medico Brasileiro promoveu, a 3 do corrente, o almoço de confraternização da classe médica, no qual se commemorou, também, o centenario da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. O grupo que o nosso «cliché» focaliza foi tomado pouco antes dessa festa de cordialidade scientifica.

Na Faculdade de Medicina, realizou-se domingo passado a cerimonia da collação de gráo dos odontolangos deste anno, que ahi apparecem num grupo tomado durante a solennidade. No Medalhão, o director da Faculdade de Medicina, professor Leitão da Cunha, entregando o annel de gráo a um dos novos cirurgiões-dentistas.

A mentira conjugal

De Edgar Proença

EDGAR PROENÇA é uma das figuras mais destacadas do scenario intellectual no norte do paiz. Na capital paraense, onde reside, Edgar Proença vem sendo, ha muito tempo, com raro brilho, um traço de ligação entre intellectuaes do sul e do norte, prendendo a todos pela sinceridade do seu affecto e galhardia do seu espirito. Na direcção de "A Semana" de Belem, o festejado escriptor fez milagres, vencendo as difficuldades naturaes em uma empreza dessa ordem e logrando realizar um semanario elegante, de intensa palpitação e fino gôsto. Graças a tantos méritos e a uma incomparavel, vigilante bondade, Edgar Proença projectou o seu nome pelo Brasil inteiro, tornando-se, de facto, uma figura de forte realce na moderna geração dos nossos homens de letras.

♣ ♣ ♣

UMA mentira conjugal... Atire a primeira pedra o marido que até hoje não mentiu...

Os episodios correm mundo e não ha dos que pertencem ao "rói dos homens sérios" aquelle que não tenha, ao menos uma vez, levado no embrulho a sua ingênua e incauta "cara metade". Uns mais, outros menos. Da parte que me toca, é verdade que a minha consciência em nada me accusa, confesso, eu posso haver mentido, mas não me lembro...

Dado este introito, passo a narrar uma mentira conjugal de dilecto collega meu de imprensa. Conto o milagre, porem não descubro o nome do santo... Seria desleal; além disso, a classe é unida... Pois bem. Num lindo sabbado á noite estava marcada uma festa do arromba, no Pinheiro, e o joven jornalista tinha se comprometido a comparecer. Iria daqui uma caravana de gente bôa. Um jazz do "esprîme". Um cardume trebelhante de moças...

O meu collega não encontrava um meio de ir para a farra. Começou a ruminar os planos, e nada lhe occorria. Seu pensamento viajava pelas regiões ethereas, como dizem os vates. Nada. De repente, á hora em que elle enfiava o paletó para ir jantar e ficar "na casa do sem geito", eis que o continuo lhe entrega os telegrammas enviados pela Agencia Brasileira, chegados aquelle instante. Abre-os e se lhe depara um contendo o seguinte: — "O Zeppelin está sendo aguardado com viva ansiedade no Rio de Janeiro. O povo já encheu a Avenida, apesar de a grande nave aerea sómente chegar á meia-noite".

Estava salva a patria. O meu collega encontra naquelle despacho a idéa salvadora. Chegou em casa, beijou a "patrôa" e foi rumo á mesa do jantar com ar de quem está acabrunhado.

— Que é que tens — pergunta-lhe, terna e carinhosamente, a esposa.

— Ah! minha filha! Esta vida de jornal é a mais ingrata de todas. Lê este telegramma.

Madame, finda a leitura, indaga:

— Então, que é que ha de mais? O Zeppelin vae é para o Rio...

— Ahi é que tu ficas. O Zeppelin vae para o Rio, mas eu vou direitinho para o jornal trabalhar a noite inteira. Imagina que, durante a viagem do bruto, a primeira, aliás, que elle faz ao Brasil, de bordo serão irradiadas as occorrencias pittorescas que se vão desenrolando, além de farta reportagem, descrevendo as impressões de viagem.

— Ainda não comprehendi o que tu queres dizer — interrompe madame.

— E' que eu fui escalado pelo dr. Cacella para, ao lado do Wladmir Emmanuel, que é um baita em apanhar serviço de radio, colher todas as notas e darmos, amanhã, um "furo". E a coisa vae ser feita em tamanho sigillo, que nós até iremos para o Pinheiro, onde as ondas atmosphericas attrictam menos, são mais captadas e permittem que não se perca uma só palavra.

Madame animou-o e lamentou não poder experimentar a mesma sensação de conhecer as novidades relativas á colossal galera do firmamento antes de sua divulgação no jornal.

Outro beijo na fronte, e o nosso herôe sahiu para a redacção, ou, digamos logo, para a fárra, em que foi recebido sob freneticos vivas e palmas.

Regressou a penates ás 4 horas da madrugada, quando os "chanteclers" vibravam nos quintaes... Sua esposa, curiosa como todas as mulheres, mal o marido pisou o batente, foi recebêl-o e o crivou de perguntas quanto ao exito do serviço. As respostas foram brilhantes:

— Tu não imaginas, meu amor, o que foi a chegada do Zeppelin!... Só quem conhece o povo carioca é que poderá avaliar o delirio que o empolgou. O meu serviço de reportagem foi impeccavel. Poucas palavras, á verdade, porque custamos pegar a "onda" da irradiação, mas o pouco que apanhamos foi o bastante. O Rio em peso ficou sem dormir. As fortalezas salvaram e dizem os passageiros do Zeppelin que a metropole brasileira, vista á noite, do alto, é surprehendente maravilhosa. Esses allemaes são estupendos! A's 3 horas da manhã, o grande vencedor dos espaços tocava a terra carioca.

Outro beijo, e o magnifico marido, vencido de cançaço, pelo serviço (para a ingenuidade da consorte), mas, em verdade mordidissimo pela esturdia, dormiu profundamente, para só despertar ás 11 horas da manhã.

Feita a "toilette", ia beijar a esposa, que lhe suspendeu a carinhosa expansão, para o interpellar:

— A chegada do Zeppelin, então, foi um delirio, não? O povo carioca acordado até o alvorecer, as fortalezas salvando...

Elle atalhou:

— Nem queiras saber.

Ao que ella, visivelmente indignada, retrucou:

— Tu não te vexas de ser cynicamente mentiroso?

— Eu? Como?!

— Está aqui o jornal. Lê este telegramma em letras gordas: "Rio, (urgente). Devido ao atrazo da sahida de Recife, o Zeppelin só chegará ás 9 horas da manhã de hoje".

— Não, não é possivel. Isto é engano. E' pilheria do Santanna Marques, com certeza.

— A enganada estou sendo eu! Isto sim. Agora e sempre.

— Não digas isso, filhinha. O teu maridinho é um exemplo de seriedade.

— Não, não acredito mais em ti. E's mentiroso, és ingrato e sem coração...

Houve soluços, que elle, com remorsos, procurou abafar com uma dúzia de enternecidos beijos.

Depois ella, mais calma e acreditando que o Santanna Marques era capaz de impingir um conto de vigario ao publico, enlaçando com os braços o maridinho, perguntou-lhe commovidamente:

— Tu és sério, querido?

E a resposta foi esta, serena e convincente:

— Para te falar com franqueza, eu sou sério, mas não é muito...

FON-FON no cinema

SONHOS DE MOÇA

com Marion Nixon, Ralph Bellamy e Alan Hale

Film da FOX

A formosa senhorita que é Rebecca of Sunnybrook Farm acceita um convite de suas tias Jane e Mirande para que passe a viver com ellas em Riverboro. Chega a Waring no rapido e toma um omnibus que a levará á casa de suas queridas tias, mas o carro enguiça no caminho, partindo-se de tal maneira, que não póde seguir com os seus numerosos passageiros. E' quando em auxilio de Rebecca corre o dr. Adam Ladd, que se dirige a uma drogaria para procurar remedios que curem alguns dos feridos leves do pequeno desastre. Mas quando o medico regressa ao seu automovel, que tinha offerecido a Rebecca, tem a surpresa de o encontrar cheio de passageiros do omnibus, inclusive uma creancinha e um conhecido atheu com quem toda a gente embirra, porque não quer casar com a senhora com quem vive.

O medico não teve remedio sinão seguir viagem. Pelo caminho interessou-o extraordinariamente a encantadora pequena, só se admirando que ella tivesse coragem de levar a creança para casa das ranzinzas das tias, que elle conhecia muito bem. E assim foi realmente. A tia Mirande fica fula de raiva ao ver o petiz. Pelo contrario, a tia Jane está de melhor humor, mas as coisas concluem em o medico Adam ser obrigado a levar o pequeno por imposição da tia Mirande. Daqui resulta que a recepção de Rebecca é uma recepção de lagrimas.

Apanhada pelo temporal, quando se dirigia a casa do dr. Adam.

Aquelle pequeno era a maior felicidade de Rebecca.

Furiosa com aquella má vontade de suas tias, Rebecca resolve fugir da casa naquella mesma noite. Si bem o pensou, melhor o fez. Noite chuvosa e triste. Ella não se intimida. Dirige-se á casa do dr. Adam, onde chega num estado lastimoso, completamente encharcada. Tem uma grande surpresa: o pequeno já alli não se encontra. Tinha sido levado para o domicilio de uma bôa senhora, a sra. Cobb. O dr. Adam convence Rebecca a voltar á casa de suas tias, o que ella faz, entrando em casa sem que suas tias tenham conhecimento de sua fuga nocturna. Concebe então a idéa de crear uma associação para proteger o petiz. Mas os paes exigem a entrega da creança, o que põe Rebecca em desespero.

Dia a dia, porém, os sentimentos de Rebecca e do dr. Adam se vão transformando em alguma coisa indecisa, que não é mais uma amizade desinteressada de duas creaturas indifferentes.

Como ella se tivesse encarregado de ir fazer as compras para a noite de Natal, passa pela casa do dr. Adam, com quem faz uma pequena viagem de trenó, dando a impressão de intimidade que leva ao maior desespero as puritanas tias da doidivanas Rebecca. Não a querem ver mais. A culpa cáe toda sobre o dr. Adam, que ellas consideram um homem sem escrupulos.

Mas acontece que, como um castigo, a tia Mirande cáe gravemente doente. Não tem outro medico que a salve. O dr. Adam usa de todo o carinho e trata-a com tanto cuidado e tanto desvelo, que a tia Mirande se levanta do leito sã e salva. Dessa intimidade nasceu o amôr invencivel. As tias ranzinzas são as primeiras a pedir-lhe que faça a felicidade daquelle bondoso homem, que, na verdade, a ama apaixonadamente.

De regresso a casa.

MARIE DRESSLER, philosophando

MARIA DRESSLER está muito contente por ter sessenta annos. Contente e orgulhosa, e com um sentimento de gratidão. Não faria retroceder o calendario nem uma hora, nem mesmo que tivesse o poder de realizar este milagre.

"Todas as idades têm suas vantagens e desvantagens; suas virtudes e suas faltas", acredita essa admiravel mulher, cujos olhos profundos têm o brilho da juventude. "Quando passamos por todos os annos, cada periodo parece ser o melhor. Mas, depois de eu ter passado por todas as peripecias duma existencia de sessenta annos, creio sinceramente que a idade madura é a éra dourada da vida. Não se começa realmente a viver, nem a apreciar a vida até que se tenha chegado aos cincoenta.

"Quando se alcança a meia idade, adquire-se uma perspectiva mais clara das coisas, um sentido mais exacto dos valores... Isto é, si a pessoa sabe comparar e raciocinar. Uma mulher póde ser mais tonta ou voluvel aos sessenta annos do que aos vinte, si fôr naturalmente inconstante e si nada tiver feito para se corrigir. Mas, si fôr sã e normal, depois de viver cincoenta ou mais annos, começa a ver como são as coisas realmente e não através de crystaes deformados, que augmentam as condições de maneira desproporcional.

"Por exemplo, tomemos o amor. Estou certa de que muitas mulheres, ao falar da velhice, estremecem ao pensar que a idade do amor está acabando para ellas. Mas, quando si tem cincoenta annos, conhece-se uma differente qualidade de amor. Si a pessoa teve a sorte de saber dominar seu amor por alguém, transformando essa paixão amorosa em um companheirismo são e agradavel, vive um idyllio mais interessante do que tudo quanto possa trazer a juventude.

"Quando se é só, póde-se encontrar satisfação e felicidade numa amizade. Sempre apreciei meus amigos, mas nunca com a intensidade que aprendi nos últimos dez annos. Não trocaria um só de meus bons amigos por todos os amantes romanticos do mundo. Estou absolutamente segura do que estou dizendo.

"Não julguem nem um só minuto que estou fazendo pouco dessas jovens emoções. Não, absolutamente. Julgo que são maravilhosas... para a juventude. Não poderiamos ter a comprehensão que vem com a idade madura si não os tivessemos experimentado.

"A idade madura é o principio de muitas coisas. Conheço uma mulher que sempre tinha desejado ser uma grande pianista. Quando joven, tinha demonstrado um raro talento para a musica. Todos lhe prediziam um brilhante futuro. Mas era muito joven... Tinha sómente vinte annos. Enamorou-se dum elegante moço, sem dinheiro, mas duma grande sympathia. Casaram-se. Começou, então, a luta para arcar com as necessidades da vida e da familia. Tres crianças nasceram. Sem tempo para se dedicar ao piano, perdeu todo seu interesse pela musica.

«Por fim, completou cincoenta annos. Os filhos haviam-se feito homens. Seu alegre e elegante marido tinha morrido, deixando-a só. Resolveu viver com seus filhos casados, encontrando consolo nos seus netos. Aos cincoenta e cinco annos, julgava sua vida terminada, sentindo-se feliz de sentar-se numa confortavel poltrona e assistir ao desfile da humanidade.

"Certo dia, comtudo, não poude levantar-se da cama quando uma de suas noras lhe pediu que tomasse conta das crianças, emquanto os paes iam dar um passeio a Nova-York. Por varios mezes esteve invalida numa cama no hospital. Um dia, cansada da ociosidade, escreveu alguns versos duma antiga canção de crianças que costumava cantar para seus proprios filhos na época em que ainda sonhava com a musica. Um dos medicos, musico distincto e conhecedor de casas editoras, persuadiu-a a submetter á apreciação do publico aquella composição musical. Foi publicada. Antes de deixar o hospital, bem restabelecida, tinha escripto uma meia duzia de canções e tinha pedidos para outras tantas.

"Hoje, encanto-me em visital-a. Tem um lindo bungalow proprio e seu piano. Passa seus dias estudando musica e tocando piano. Aos sessenta annos está vivendo a vida que desejava, rodeada de amigos sinceros que apreciam a musica, gozando as alegrias de sua arte. Essa mulher principiou uma nova carreira na idade madura.

"A primavera e o verão são estações encantadoras, com o fresco verdor da renovada juventude da terra; mas, muitas vezes, são intoleravelmente ardentes e estão infestadas de insectos. O outomno é a estação ideal. Possúe a frescura das outras estações, suavizada pelo transcorrer dos mezes. Então, segue-se uma atmosphera calma e agradavel, de paz e tranquillidade. O mesmo succede na idade madura."

Illustracções do film SONHOS DE MOÇA

O amôr que se aproxima.

Corações em Trevas

(Wordly Goods)

Producção da Continental Pictures

Direcção de Phil Rosen.

Interpretação de James Kirkwood, Merna Kennedy, Shannon Day, Ferdinand Schumann-Heink e Eddi Featherstone.

Ousadias de millionario.

CEGO, em consequencia de um desastre de aeroplano, Jeff volta da Grande Guerra com firme intenção de matar John Tullock, um homem que se tornou rico por causa dos contractos com o governo e cujos aeroplanos foram baptizados com o nome de "esquifes aereos" no "front". Jeff vê que o seu estado é desagradavel para Mary, a criatura que anseia pela sua volta. Assim, pede a Jimmy, seu amigo, no momento em que o transatlantico atraca no cáes, que diga a Mary que elle morreu a bordo e seu corpo foi atirado ao mar. Acceitas as explicações de Jimmy, Mary volta para o quarto onde ella habita com Cassie. Ambas são mulheres de theatro. Cassie é uma corista tipica, sempre alegre e sempre prompta para engulir um "pato". Mary, mais retrahida, tem um sonho: —

Duas coristas falando de amôr.

Procurando consolál-a.

Ella não o amava.

Era o amôr que vencia.

ser cantora. Jeff e Jimmy tornam-se mecanicos em uma das officinas de Tullock e, apesar de Jeff não ter vista, o seu ouvido afiado lhe dá conhecimento do mais leve defeito nos motores. Acontece que Jeff está trabalhando no proprio aeroplano de Tullock, sem nada lhe dizer. Jimmy, quando Tullock apparece para ver o aeroplano, espanta-se vendo um cégo cuidando de motores. Faz perguntas a Jeff, que lhe explica que perdêra a vista em consequencia de um desastre dos aeroplanos de Tullock, accrescentando que elle gostaria de matar o fabricante de taes es-*quifes aereos*. Aterrado com essa declaração, Tullock se offerece para custear uma operação na vista do rapaz, porque lhe admira a coragem. Pergunta-lhe, então, Jeff, com quem está falando. Tullock responde apenas: "Smith". Jimmy volta nesse instante e diz a Jeff que Smith é um millionario e que muito o póde ajudar na operação.

O rapaz vae para o hospital. Tullock, amigo de coristas e farras, dá a sua festa annunciada. A ella comparece Mary. O industrial apaixona-se pela moça, porque a vê differente das outras. Em breve, ambos se casam. Um dia, porém, Jeff vae á casa do seu protector. Descobre-se, então, o amôr que a moça sentia pelo rapaz, até então julgado morto. Tullock prepara-se para um passeio em companhia da esposa, passeio aereo, num dos seus aeroplanos que será dirigido por Jeff. Quando o aeroplano está bem alto, Tullock desapparece... A cabine está vazia. Apenas um bilhete é encontrado: "Para Mary e Jeff".

Ia recuperar a vista.

NOIVA DO CÉ'O
(Sky Bride),
com VIRGINIA BRUCE, RICHARD ARLEN e ROBERT COOGAN
A nossa éra reclamou a soberania dos ares, onde se passa esta epopéa de audacia e de Amôr!

O HOMEM MIRACULOSO
(The Miracle Man),
com SYLVIA SIDNEY, CHESTER MORRIS, HOBART BOSWORTH e ROBERT COOGAN
Um film de concepção sublime que exaltará as almas pelo seu poder inspirador!

BREVEMENTE: — A grande sensação de 1932
Wynne Gibson TUDO CONTRA ELLA!
na sua genial creação (The Strange Case of Clara Deane).

Seara alheia

A morte

A morte é o genio inspirador, o *musagete* da philosophia... Sem ella, difficilmente se teria philosophado. Nascimento e morte pertencem igualmente á vida e se compensam; um é a condição da outra; formam os dois extremos, os dois polos de todas as manifestações da vida. E' isto o que expressa a mais sábia das mithologias, a da India, com um symbolo que dá como attributos a Schiwa o deus da destruição — um collar de cabeças de morto e um symbolo da procreação. Porque o amor é a compensação da morte, seu correlativo essencial. Neutralizam-se, supprimem-se um ao outro. Por isso, os gregos e os romanos adornavam seus preciosos sarcophagos com baixo-relevos figurando festas, danças, bodas, caçadas, combates de animaes, bachanaes — em uma palavra: — imagens da vida mais alegre, mais animada, mais intensa. Seu objectivo era, evidentemente, chamar a attenção dos espiritos, de modo mais sensivel, para o contraste entre a morte do homem, encerrado na tumba, a quem se chora, e a vida immortal da Natureza. — SCHOPENHAUER.

Escrever

Ah!... Se não fora mais que descobrir idéas, para ennuncial-as tranquillamente, em phrases bem arranjadas, claras, qualquer um poderia fazer-se escriptor, como se faz um medico, um advogado...

Paciencia, methodo e tempo e tudo estaria resolvido.

Mas, escrever é outra coisa.

E' viver; tirar á vida um sabor unico. E' transformar-se em um campo de experiencias.

Devemos experimentar, mesmo que o seja por uma hora, as mil emoções que fazem vibrar um homem. Assim, dentro de cem annos, um desconhecido lerá um capitulo, um livro nosso, e dirá: "Isto é verdade" e reconhecerá o mal que o atormenta. Realmente é algo perigoso escrever, mesmo porque se arrisca a vida. Mas, por acaso, o medico tambem não poderá contagiar-se e morrer de algum mal terrivel? — PAULO BOURGET.

Eclipse em torno do amor...

EU acredito que o homem tenha mesmo nascido da terra molhada aquecida pelos raios solares... Elle é bem filho da terra fecundada pelo sol... Possue delirio humano... e ansia... divina... Soffre a attracção do abysmo... e a vertigem das alturas... E esses delirio, ansia, attracção, vertigem, que enlevam e elevam, teem por causa o Amor, que é o sol da vida, o centro de gravitação de toda ansiedade do homem...

Do Amor, que é nobre, divino, eterno, que triumpha sempre, embora não pudesse fugir á seducção de uma simples mortal, originou Volupia. Eis porque o amor poderá ser apenas terreno; mas, por mais perfeito, por mais puro que seja, tem infallivelmente alguma coisa da constituição humana...

Almejei sempre poder dedicar e receber um amor assim: ardente, interminavel..., um amor que encerasse a propria Natureza... Brando, suave como uma noite enluarada... profundo como uma noite cheia de estrellas... Um amor abrasado, rutilante como um dia cheio de luz... Um amor voluptuosa e sentidamente vivido... Divino e humano..., profano e puro... Capaz de todos os heroismos e sacrificios e de todas as humilhações... Entretanto, até hoje, inutilmente, elevo-me com ternura ao apogeo de minha phantasia... e desço humanamente, inflammado de paixão, á terra, com o fito alevantado de subir depois... Irrealizaveis pretensões...

E neste vae-vem errante, desencontrante, que me deixa sempre só, fico a meditar, interrogando-me, se a causa está em desejar eu ser, ás vezes, mais que um *satellite*, ou de outras vezes querer ser, apenas, um *satellite*!...

PEDRO PAULO FARIA ROCHA

Aspecto das modernas installações da

Casa Lemos

á rua Gonçalves Dias, 76 a mais importante do Brasil em artigos de luxo e roupas brancas sob medida para homem.

NOTAS DE ARTE

QUARTETTO DE LONDRES. — Se o numero quatro já não fosse um numero divino na antiga philosophia de Pythagoras, onde era adorado como a *Tetrade*, que os pythagoristas chamavam — *a fonte ou raiz da eterna natureza*; se não occupasse lugar distincto na moderna theoria subjectiva dos numeros, instituida por Aug. Comte na sua maravilhosa *Synthese Subjectiva* e na qual é um dos symbolos numericos da familia e a formula universal da certeza segundo as palavras postas por Molière na bocca do sceptico D. Juan — *só acredito que dous e dous são quatro*; se por esses e outros motivos semelhantes, o quatro já não fosse um numero celebre, havia de o ser agora pela existencia do QUARTETTO DE LONDRES, a tetrade musical, que merece o culto humano de todos os fieis da arte divina, porque é a fonte dos mais puros, mais inebriantes, mais divinos gozos espirituaes que o musico proporciona aos seus adoradores. Digam-no os que lhe têm assistido ás excepcionaes audições, os que acabam de ouvil-o interpretar em concertos realizados no T. M. na noite de 21 e nas tardes de 24 e 28 de setembro e 1.º de outubro com mestria sem par, estes poemas musicaes: I) *Quartetto em ré-menor* (La muerte y la muchacha, op. post.), de Schubert, *Lento*, de Dovrak, *Scherzo*, de Mendelssohn; *Quartetto em sol-menor*, de Debussy; II) *Quartetto em lá-maior*, op. 41, de Schumann; *Quatro bagatellas*, de Mac Ewen; *Quartetto em dó-maior*, op. 59, n. 3, de Beethoven; III) *Quartetto em dó-menor*, op. 59, n. 1, de Brahms; *Hymno austriaco*, de Haydn; *Allegro Felice*, de Davies; *Quartetto em ré-maior*, de Tschaikowsky; IV) eBethoven — 3 *Quartettos*: op 18, n. 2 em sol-maior; op. 59, n. 2 em dó-menor; op. 95 em fá-menor; — e varios admiraveis e admirados *extra*, entre os quaes o nunca assaz louvado, tanto mais bello quanto mais ouvido — *Nocturno*, de Borodine.

Os *violinolacellistas* — como lhes chamamos aos quatro grandes virtuoses para indicar a maravilhosa unidade do conjuncto, onde os quatro instrumentos formam por assim dizer, um só, um orgão de cordas, o *violinolacello* — dão-nos incomparaveis momentos da mais requintada arte sonora. Mas, ainda quando cessa a unidade pela execução em solo de um instrumento apenas pelos outros acompanhado, avulta a mesma grandeza excepcional do conjuncto: cada instrumentista dos violinos, da viola e do violoncello dá-nos as mesmas extraordinarias emoções que produz todo o quartetto.

E' possivel que ouvidos mais apurados, mais musicaes do que os nossos, e mestres da arte tenham descoberto um ou outro deslise de technica ou de expressão, mas nós nunca o percebemos. Se tudo não fosse relativo, salvo a verdade dessa affirmativa, diriamos que o Quartetto de Londres é de uma perfeição absoluta. Não esqueçamos nunca os nomes dos que compõem a tetrade divina: John Pennington (1.º violino), William Rimrose (viola), Warwick Evans (violoncello), W. Peter.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL. — Dos mais bellos e applaudidos, o 96.º concerto do C. A. M., realizado no salão nobre do I. N. M. em a noite de 24 de setembro, e onde se ouviram, além de alguns *extra*: BACH-STRADAL — *Concerto*, para orgão, transcripto para piano, e CHOPIN — *Berceuse*, 2. *Estudos*, *Barcarolle* — pela Prof. srta. Herminia Roubaud; HAENDEL — *Menuet*, SCHUBERT — *Ave Maria* e *L'Abeille*, POPPER — *Nocturno* e *Rhapsodia Hungara* — para violoncello, pela prof. sra. Carmen Braga Bourguy; BENJAMIN GODARD — *L'amour*, REYNALDO HAHN — *Si mes vers avaient des ailes*, AUGUSTA HOLMES — *Thrinódia* e *Noel d'Irlande*, LISZT — *Oh! quand je dors*, CATALANI — *Sono un fantasma di fanciulla morta*, grande aria da op. "Lorely" — para canto, pela prof. sra. Yolanda Laport Machado.

A sra. Carmen Braga revelou-se em todos os numeros artista de bellos recursos technicos e estheticos. Foram modelos de execução e de expressão *L'Abeille*, *Rhapsodia Hungara* e os dous *extras* *Habanera* de Niedermeyer e *Cache-Cache*, de Baselaire. Ha mais ou menos dois annos que a não ouviamos e notamos-lhe o progresso em poder communicativo. O publico bem o comprehendeu, applaudindo-a com calor e pedindo e repedindo *bis*.

A sra. Herminia Roubaud, que pela primeira vez ouvimos, palmeamos sem quasi nenhuma restricção no *Concerto* de Bach-Strádel; pareceu-nos soberba de technica e de expressão, principalmente no 1.º tempo. Na interpretação de Chopin não foi a mesma a nossa impressão. Cremos que nervosismo occasional não permittiu mostrar-se a executante á altura do seu real merecimento. Ainda assim, gostamos de ouvil-a num dos *Estudos* e em algumas passagens da *Barcarolle* e da *Berceuse*.

A sra. Yolanda Machado foi o triumpho sensacional da noite, cantando a grande aria da opera de Catalani, "Lorely" — *Sono un fantasma di fanciulla morta* — bella tou-a com primores de voz — bella voz de soprano dramatico, cujo registro agudo nos parece já ter conseguido aperfeiçoamentos ainda não obtidos pelos registros medio e grave — e com dicção quasi impeccavel e bem accentuada vida dramatica.

Entre os numeros de musica de camera, que parece não se ada-

ptam bem ao temperamento da artista e por isso mesmo não tiveram o mesmo exito da aria de "Lorly", é de assignalar-se *Noel d'Irlande* e o extra *A fonte e a flor*.

Dadas as suas qualidades naturaes, o seu gosto pela arte, a sua dedicação ao estudo, os bellos resultados a que já chegou, parecemos a sra. Yolanda Machado poderá em curto prazo ingressar com brilho na scena lyrica e nella adquirir um dia merecida fama.

Não esqueçamos que para o successo da violoncellista e da cantora muito concorreram os pianistas, srta. Mariinha Braga, e o sr. Mario de Azevedo, que, como sempre, deu especial relevo a tudo que acompanhou.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Excedeu á nossa e á espectativa do Publico o successo alcançado pelo 7.º e ultimo concerto de assignatura da O. P. R. J., realizado no T. M. em a noite de lunedia, 2.ª-f., 26 de setembro, com a execução da 1.ª e da 9.ª *Symphonia* de Beethoven.

Feliz a idéa do maestro Burle Marx fazer ouvir no mesmo concerto, um após outro, o prologo e o epilogo dessa epopéa sonora em 9 cantos, que são as *Symphonias* do mestre de Bonn. Comparando-se-lhes as audições sente-se logo que a 1.ª *Symphonia* não é uma simples "puerilidade musical" como lhe chamou Berlioz nem "a explosão confusa da presumpção atrevida de um adolescente", como tambem um critico a classifica, mais sim o canto lyrico de um grande poema epico, a aurora precursora do mais luminoso dia. A 9ª *Symphonia* realizou o que em germen na 1.ª se contem. Desta acolheu o publico com especial agrado dois mais bellos tempos: o *Minuetto* e o *Rondo*.

Mas pura introducção, simples *hors d'oeuvre* do sumptuoso banquete que ia ser offerecido, toda a ansiedade do auditorio não era para a primeira mas para a ultima das *Symphonias*.

Perante uma sala de mil e tantos ouvintes, e durante uma hora, ouviu-se a 9.ª *Symphonia*, executada por mais de 300 interpretes — uma orchestra de 90 ou 100 instrumentistas e um côro de mais de 200 vozes — sendo regente o maestro Burle Marx e solistas as sopranos sras. Antonietta de Souza e Carmen Gomes, o barytono Pommermeyer e o tenor Reis e Silva.

Foi um grande, um deslumbrante espectaculo. Se a orchestra requintou em primores dando todo o relevo á genial obra beethoviana, accentuando com muita arte o mais lyrico, dos trechos, o *Adagio molto cantabile*, e neste o formoso e commovente recitativo dos violoncellos e contrabaixos; se os solistas realçaram bastante o *Hymno da Alegria*; é de assignalar-se, sobretudo, a execução coral. Não imaginavamos a perfeição a que assistimos. Damas e cavalheiros cantando a unisono, pareceram-nos formar um orgão de vozes, um só instrumento vocal com todos os timbres do contralto ao soprano, do baixo ao tenor. Só este motivo, quando outro não houvesse bastaria para sublimar a execução da 9.ª *Symphonia* pela *Philarmonica*, de Burle Marx.

As ovações que receberam — e foram abundantes e enthusiastas — tanto a orchestra como os solistas, tanto os solistas como o côro, coroaram com a mais rigorosa justiça a execução verdadeiramente excepcional da 9.ª *Symphonia*, excepcional pelo menos para o meio brasileiro onde não nos consta tenha sido executada alguma vez com tanta perfeição.

SARÃO MUSICAL. — Graças á gentileza do dr. Thadeu Grabowski, o muito querido e sympathico Ministro da Polonia, assistimos na séde da Legação, em a noite do martedia, 3ª-f., 27 de setembro a pequeno mais lindo sarão musical, em que se fizeram ouvir as vozes de Mlle. Ninon Hauer e Mme. Elza Rodrigues, acompanhadas ao piano, com a maestria de sempre, respectivamente por Mario de Azevedo e pela sra. Julieta Gomes de Menezes.

Mlle. Ninon Hauer cantou: *Nel cor più non mi sento*, de G. Paesiello; *Bergére legére*, de J. Wekerlin; *Das lied im Grunen*, de F. Schubert, *Lullaby*, de J. Brahms; *Si mes vers avaient des ailes*, de Reinaldo Hahn; *Je t'aime*, de Ed. Grieg.

Todos esses numeros foram cantados com muita expressão e reveladores de uma voz altamente sympathica pela doçura do timbre, a propria fragilidade do volume, a pouca extensão parece accentuarem ainda mais tudo o que ha de melifluo na pequenina mas encantadora voz.

Mme. Elza Rodrigues cantou, com o costumado esplendor vocal e dramatico, que a tornam uma das mais bellas esperanças da scena lyrica brasileira, e que a fazem occupar desde já lugar de destaque entre cantores de musica de camera — estes bellos e variados numeros: *Fiocca la neve*, de Cimara; *Les Maienzettes*, de Dalcroze; *El tra la la y el punteado*, de Granados; *Serenata*, de Leoncavallo.

Unanimes e vibrantes applausos saudaram os triumphos canoros de Mlle Ninon Hauer e Mme Elza Rodrigues.

O S C A R D'A L V A

Uma bôa acção

De Margarida Comert

CARLOS MARIA, que ostentára um ar distrahido durante todo o longo almoço, não acceitou o charuto que lhe offerecia Hugo Delmonte.

— Obrigado. Não tenho tempo. Tenho que visitar minha prima

— Qual das duas? — perguntou Delmonte.

Carlos Maria tinha uma velha prima pobre, a quem ajudava a viver, e uma prima joven, mal casada, a quem desejava consolar de suas decepções conjugaes.

— Adivinha — disse.

Atraz dos oculos, seus olhos profundos e ternos tomavam um brilho húmido.

— Vamos! Vejo que é a infeliz... Desejo-te...

— Não, não, nem uma palavra mais. Neste momento me sinto terrivelmente superstiicioso — confessou Carlos Maria.

E sahiu agitando seu lenço com gesto juvenil. Sentia-se cheio de animação e de presentimentos alegres. A tarde era radiosa e fresca como as rosas novas. Depois de uma série de chuvas frias e prejudiciaes, o bom tempo acabava de estalar, um bello tempo novo, que ninguem havia gozado ainda. Sentia-se a felicidade circular no ar, com a brisa vivificante que atirava ao horizonte delgadas nuvens brancas, muito distantes.

— O senhor tem um aspecto muito contente — observou a florista, collocando na lapella de seu freguez o cravo soberbo que acabava de escolher.

— Sim. Não estou descontente. De maneira alguma.

Ella continuou, assignalando o cravo:

— E' igual aos do ramo que mandei hontem á tarde, de sua parte. Era um formoso ramo, bem posso dizêl-o. Si o senhor o viu deve ter ficado satisfeito.

— Não. Ainda não o vi. Mas creio em sua palavra.

— Oh! O senhor sabe que póde ter confiança em mim.

Carlos Maria moveu a cabeça, com benevolencia, e sahiu.

— Como uma pessôa que vende essas adoraveis maravilhas póde deixar de ter encantos? — perguntava a si mesmo, pensando na bôcca torta da florista e em suas faces murchas. — O commercio de flôres devia ser privilegio da juventude.

E imaginava Genoveva Rolón, sua linda prima, sua má acção, no meio de rosas cortadas e canastros de azaléas, fazendo ramos, em vez de ser a esposa legitima desse farçante do Rolón, pretenso grande pintor, que só vivia para suas aventuras. Sobre esse thema construria toda uma novella de que elle era o herói principal. Compromettido com uma noiva rica, que lhe era indifferente, ía todos os dias encommendar um ramo á florista, a quem amava sem saber. Mas, uma vez, admirando a harmonia de um ramo, as flôres delicadamente combinadas, reconhecia, de repente, que tal obra prima devia ficar nas mãos que a haviam creado e, descobrindo o segredo de seu coração áquella que já o suspeitava, a levava para ribeiras propicias.

Tudo vae muito ligeiro em sonhos. Mas, na vida, é tardo e complicado. A loira Genoveva, que conduzia lindamente a sua melancolia, estava de sahida e recebeu o primo com certa frieza. Carlos Maria entristeceu immediatamente e não poude conter um suspiro ao ver o sumptuoso ramo de rosas, que havia enviado na vespera, atirado sobre a mesa, como si na casa não houvesse outro logar onde collocál-o.

Genoveva surprehendeu o olhar e o suspiro. Disse, com accento de enfado:

— A que vêm tantas flôres? Não é meu anniversario, que eu saiba...

Desconcertado pela brutalidade do ataque, Carlos Maria balbuciou:

— Mas, minha querida Genoveva, é uma cortezia que dedico correntemente a todas as mulheres em cuja casa acceito uma taça de chá.

— Então, as tardes em que acceitas seis taças te devem ficar bem caras...

Genoveva sorria, e aquelle sorriso devolveu a Carlos Maria um pou-

(Cont. na pag. seguinte)

CURSO DE CULINARIA

PARA DONAS DE CASA	*PARA COSINHEIRAS*

PARA DONAS DE CASA

Consta de 10 aulas, por semana.

Inscripção : 25$000, adiantadamente

1.ª TURMA

Terças-feiras de 9 1/2 ás 11 1/2 horas, começando no dia 18 de Outubro de 1932.

2.ª TURMA

Quintas-feiras de 9 1/2 ás 11 1/2 horas, começando no dia 20 de Outubro de 1932.

3.ª TURMA

Sextas-feiras de 9 1/2 ás 11 1/2 horas, começando no dia 21 de Outubro de 1932.

PARA COSINHEIRAS

Consta de 12 aulas, uma por semana.

Inscripção : 6$000, adiantadamente

1.ª TURMA

Terças-feiras de 2 1/2 ás 5 horas, começando no dia 18 de Outubro de 1932.

2.ª TURMA

Quartas-feiras de 2 1/2 ás 5 horas, começando no dia 19 de Outubro de 1932.

3.ª TURMA

Quintas-feiras de 2 1/2 ás 5 horas, começando no dia 20 de Outubro de 1932.

4.ª TURMA

Sextas-feiras de 2 1/2 ás 5 horas, começando no dia 21 de Outubro de 1932.

MATRICULAS : A partir do dia 10 até o dia 17 de Outubro de 1932, de 9 ás 12 horas e de 13 ás 16 horas.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMESTICA

Agencia da Praça José de Alencar

S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

RUA MARQUEZ DE ABRANTES N.º 3 - 1.º Andar

Telephone : 5 - 2885

co de coragem e um pouco de verbosidade.

— Quando te digo "todas as mulheres", se subentende as jovens e lindas... Para mim, em primeiro logar, só estas merecem o titulo de mulheres. Nos outros casos digo: *uma dama*, *uma senhorita*, *uma viuva*, ou emprego um termo profissional: *uma costureira*, *uma enfermeira*. Mas quando digo apenas *uma mulher*, ou porque tenha tido o prazer de dançar com ella ou, simplesmente, o de ceder-lhe o assento no bonde, sempre se trata de uma creatura encantadora.

Divertida por aquella palestra, Genoveva continuava sorrindo. Mas o destino inimigo quiz que ella reparasse na flôr que Carlos Maria levava na lapela. Aproximando-se, então, ella a arrancou, com raiva, atirou-a ao chão e a pisou como si fosse uma aranha.

— Sabes que tomas umas liberdades estranhas? Quando me envias flôres, como te atreves a usar uma igual para vir visitar-me? Que pensaria meu marido si...

— Eu sabia que elle não estava — interrompeu Carlos Maria, desconcertado.

— Ah, sim! Sabias que elle estava ausente... Sabes que... E então suppões que tudo te é permittido...

— Peço-te desculpas, Genoveva...

Mas ella não se acalmou. Gritou, fóra de si:

— Vae-te! Vae-te!

Tendo deixado entrever seu pesar, já não poderia contêl-o. Pesadas lagrimas corriam-lhe pelas faces, como chuva de tormenta sobre seu rosto contrahido pela dôr.

— Vae-te!... Vae-te!... — repetia.

Elle obedeceu porque sentia perdida a partida e tambem porque Genoveva se tornava feia com sua pallidez e sua irritação.

Depois do fracasso de uma tentativa criminosa, se experimenta uma intima séde de reconci-

Uma bôa acção

(CONCLUSÃO)

liação comsigo mesmo. Foi esse o caso de Carlos Maria. Elle comprou uma g a l l i n h a assada, uma garrafa de vinho fino, queijo, maçãs, pêras, e foi dar, com os bolsos e as mãos cheias, á casa de sua velha prima.

Só, no extremo da grande mesa que enchia toda a exigua sala de jantar, a senhorita Amelia Valinas se preparava para comer um cozido de aveia.

A visita de Carlos Maria a fez prorromper em exclamações de prazer e á vista da gallinha seus olhos apagados brilharam de desejo, sob seus cabellos grisalhos.

— Como és bom e franco! Queres, então, que eu coma durante oito dias?

Empenhou-se em preparar uma *mayonaise* e um café extra.

— Tenho certeza de que não dormirei — confessou. — Mas não tem importancia.

Rejuvenescida pela bôa mesa, conversava até perder o folego, sem perceber que elle apenas respondia, sem animo e sem apetite.

— Como és amavel e generoso, Carlinhos! Tão dedicado e attento com tua velha prima!... Isso te trará felicidade.

A felicidade, tal como elle a entendia, o rapaz não a esperava.

Um pouco incommodado por aquelle exuberante agradecimento, protestava docemente.

— Mas não, minha prima, não mereço tanto elogio... Faço apenas o que posso...

Seara alheia

Pae e filho

—Tal, como me disseste, assim o fiz. Comprei primeiro o carro, um formoso e solido carro de quatro rodas. Depois, a junta de cavallos, mansos, fortes, bem adestrados e por fim, as diversas provisões, que encheram o carro. E, apesar disso, ainda nos sobrou metade do dinheiro.

—Compraste bem, meu filho.

—Parti, depois, de regresso. Ao sahir da aldeia passo deante de uma choça miseravel. Cinco homens levavam dali um morto. Detenho-me. Em meio do humilde quarto vejo uma pobre mulher com os braços cruzados. Numerosas pessoas approximam-se della e abraçam-na commovidamente. Todas choram, menos uma pequenita, que me fita fixamente. Comprehendi. Levantei-me e do proprio carro atirei para dentro da choupana o resto do dinheiro. Ella correu a recolher o dinheiro e eu me puz em marcha lentamente.

Pela barba do velho perpassou, furtivo, um estremecimento.

—Segui, de novo — continuou o filho.

Como o pobre homem, que tremia de frio, estendeu-me a mão. Dei-lhe o puncho que comprára para ti. Depois encontrei um grupo de creancinhas descalças... Não resisti que não lhes désse o botão de doces...

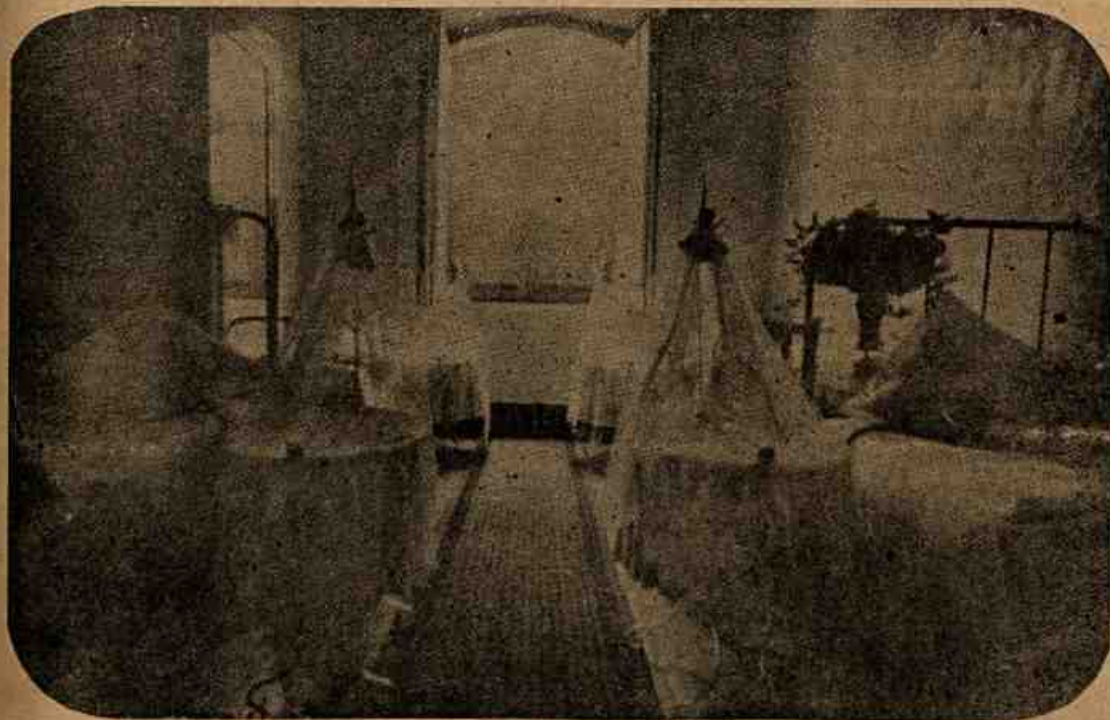
O velho baixou os olhos para o chão, para deixar cahir uma lagrima.

Ao passar por aquelle lindo monte de alamos, á direita do caminho, os passaros piplaram desesperadamente. Abri-lhes o viveiro. Não pude resistir... E, depois, ao longo do caminho fui espalhando as demais provisões. Dei o cão a um cego, o leito a uma pobre invalida... Tudo dei, emfim, meu pae e o proprio carro, já vasio, presenteei-o a João, aquelle João da tapera, que me mostrou seus cinco filhos, que me fallou de sua horrivel luta, que me fez ver sua horta tão bem cultivada, cujos productos, porém, o infeliz conduz a pé, penosamente, arrastando-se sob o peso daquella carga durante a metade de cada noite... Vejo, porem, que choras, pae...

—Teu coração é grande e generoso !...

—Mas, a minha conducta, o meu procedimento !... Perdôa-me, pae !

—Procedeste como um rei, se algum existe que mereça sêl-o. Meu pranto é de alegria, uma alegria tão intensa, tão forte, que não poderá atravessar o meu coração sem commovel-o profundamente...

Apresso-me em dar graças a Deus porque tu — oh immensa ventura — és meu filho !...—Constancio C. Vigil.

A ILHA DA FORCA

PAGINA esquecida dos primordios da nossa historia, dormita no seio tranquillo das verdes aguas de Villa Velha a pequena ilha da Forca.

Sob o ponto de vista geographico e economico, é destituida de qualquer importancia, não passando de um pequeno rochedo de mediocre elevação, medindo cerca de 100 metros de extensão, por 50 em sua maior largura e coberto em alguns pontos por uma leve camada de terra imprestavel para cultura.

Carecendo de importancia geographica e economica, sobeja-lhe por certo o valor historico, podendo orgulhar-se a exiguidade do seu solo de ter sido theatro das execuções da justiça lusitana na então Capitania do Espirito Santo.

Sobre essa ilha hoje olvidada, lancemos um olhar retrospectivo através da espessura de quasi cinco seculos.

Estamos em novembro do anno de 1555, anno em que, de volta de sua viagem a Portugal, chegára Vasco Fernandes Coitinho, primeiro donatario da Capitania do Espirito Santo.

Através das brumas de uma manhã caliginosa, sob um céo ameaçador, desenha-se a silhueta imprecisa da Ilha da Forca. Perdêra o seu aspecto pacifico: é que sobre o dorso pedregoso, fronteiro á barra, ostenta-se uma forca enorme, soturna e negra. Vemos, então, a ilha da Forca em toda hediondez de se umalfadado destino e prompta a receber mais um infeliz que pela ultima vez pisará o seu solo. E' o degredado Roberio Martins, homisiado nessa Capitania e que, na ausencia de Vasco Fernandes Coitinho, se insurgira contra D. Jorge de Menezes, então governador e, á frente de numerosa horda de indios goytacazes, atacára a Villa do Espirito Santo, séde do governo, resultando da refrega morrer D. Jorge de Menezes, traspassado por uma flecha, o mesmo succedendo a D. Simão de Castello Branco, seu substituto, alguns mezes após.

Encontrando a Capitania em deploravel decadencia, com os colonos dispersos pelo terror ao gentio, Vasco Fernandes Coitinho vê que fizéra mal em confiar o governo a D. Jorge de Menezes, fidalgo degradado, quando outros haviam em melhores condições, o que motivára sérios desgostos, e o consequente afrouxamento na defesa da Capitania contra os ataques dos indios.

Faltavam, é certo, a Vasco Fernandes Coitinho, qualidades essenciaes a um governador — era irresoluto; porem, dotado de excepcional bravura.

Juntando os colonos dispersos e com os que da metropole trouxéra, deu, perto de Piratininga, combate aos indios, desbaratando-os, cahindo em seu poder Roberto Martins, o cabecilha do motim, e que nos vae dar o espectaculo do seu enforcamento.

São 6 horas da manhã. A ilha regorgita de pessôas que dos arredores vieram assistir a esse acto obrigatorio; assim estava o mar, em redor da ilha, coberto de canôas ligeiras e as praias fronteiras cobriam-se de outros tantos curiosos.

O CEGO

(Lenda)

Quanta vez, pelo campo tenebroso,
Vimos um vulto caminhar incerto,
Entre as brumas da noite, silencioso,
Buscando a lua pelo ceu deserto!

E nas noites de céu enluarado,
Com um sorriso de melancolia,
O cego olhava a lua, apaixonado,
Como a adorar o astro que não via.

Lembrava que jamais fôra querido
Em sua vida triste, e a lua calma
Brilhava em seu olhar esmaecido,
Como louca miragem de sua alma.

Essa lua que vira ainda creança
Era, nesse penoso esquecimento,
Uma illusão, um trapo de esperança,
Que amenizava todo o seu tormento.

E o cego ia passando pela vida,
Qual outro beduino merencorio;
Um, busca uma esperança já perdida,
Outro, a sombra do oasis illusorio.

Uma tarde, encontrei-o moribundo...
Em seu rosto a tristeza se estampava;
E a despedir-se, tremula, do mundo,
Dos olhos uma lagrima rolava.

E ás vezes, pelo campo tenebroso,
Vemos um vulto caminhar incerto,
Entre as brumas da noite, silencioso,
Buscando a lua pelo céu deserto.

AURELIO MONTEIRO

De Adelpho Monjardim

Um pequeno barco em forma de gondola e pintado de preto, trazendo á prôa uma cruz, encosta ligeiro a uma pequena enseada a O. da ilha, delle saltando quatro homens; são elles: o padre Braz Gomes, o condemnado, trazendo o baraço ao pescoço e, logo atraz delle, caminha o carrasco, segurando a ponta da corda, fechando o lugubre cortejo o ajudante deste. Caminham silenciosos em direcção á forca.

Um lanchão atraca á enseada em que momentos antes saltára o condemnado. Era Vasco Fernandes Coitinho, que chegava com a sua comitiva.

Humido e frio, soprava o vento de Leste, fortemente impregnado de marinho olor. Uma fila de soldados cercava o cadafalso. Em ponto mais afastado, Vasco Fernandes Coitinho contemplava com a physionomia abatida e transtornada o doloroso quadro. Seu sentimento piedoso, sua natural bondade rebelavam-se contra aquelle acto deshumano, mas, qu ea força das circumstancias obrigavam-no adoptar para exemplo e temor á sua autoridade já periclitante.

O carrasco e o ajudante preparam o torvo instrumento de supplicio. Constatam a rigeza das traves; experimentam a solidez da corda e fazem-na passar nas corredeiras bem untadas. Um rictus pavoroso do carrasco, com pretenções a sorriso, deixou no espirito de todos a certeza absoluta da solidez do patibulo.

Roberio Martins, impávido e sereno, galga os degráos da forca juntamente com o padre. De joelhos, óra contricto sob o baraço fatal e fitando resignado o crucifixo, sua figura energica não demonstra temor á morte que o espera. O padre Braz Gomes concede-lhe o perdão da igreja e desce chorando os degráus nefandos do patibulo.

O carrasco puxa para baixo da laçada mortal, o "mocho" e n'elle faz subir Roberio, que tem as mãos atadas ás costas.

Fita Roberio pela ultima vez o scenario imponente que o cerca e duas lagrimas quentes rolam-lhe pelas faces maceradas, emquanto pela cabeça lhe desliza subtil até o pescoço o baraço cruel, como um adorno de sinistro sarcasmo.

Retesa-se a corda — é o momento fatal. Com forte pontapé, o carrasco atira o "mocho" fóra. O corpo do suppliciado saccode-se em estertores no espaço e o carrasco, completando o seu macabro mister, com agilidade felina, atira-se ás pernas do enforcado com todo o seu peso, desarticulando-lhe as vertebras cervicaes.

Suspenso na trave sinistra, o corpo tem horroroso aspecto. Olhos esbugalhados, physionomia tumefacta e contrahida em hediondo espasmo, reveste-se de violacea côr e da bocca sanguinolenta e disforme pende-lhe arroxeada lingua.

A multidão retira-se silenciosa sob a impressão violenta que para exemplo e escarmento de todos déra a alta justiça do governador.

Uma chuva meuda, que o vento acossava do largo oceano, começou a cahir; preito talvez e o unico, que a natureza compadecida fazia ao mallogrado rebelde, que por tres dias baloiçou ao sabor dos ventos, tendo por unicos companheiros os negros corvos crocitantes.

A INTRUJÃ

A saudade chegou toda ruidosa de lagrimas.
Enchugou a roupa enxarcada na luz dos meus [olhos,
que estavam cheios de estrellas
olhando o céo azul da minha patria.
— Que vieste ver, minha irmã?
— Eu nada... Não vês? A noite está um encanto.
E eu não posso te esquecer, meu irmão.
— Mas não vês, doce irmã,
que já estou de cabellos brancos
esperando a mulher que sahiu comigo
e nunca mais voltou para o meu coração?
— Não sabes que eu sou a memoria do tempo
e que vigio a tu'alma, de longe, para que ella
não morra sem conforto?
Mas, saudade, tu vieste ruidosamente, por esta [noite algida,
e eu estou sentido o frio que trouxeste
das noites mortas, abandonadas,
em minha solidão.
Que vieste vêr, Saudade?
Não posso mais. Estou de cabellos brancos
e não me lembro agora
si fui eu mesmo quem derramou nevoa sobre [elles...
Doce irmã, que vieste fazer,
ruidosamente,
por esta noite linda e fugaz,
em que estou pensando
na minha pobre felicidade de outros dias!

ESDRAS-FARIAS

O COLLEGIO DO DR. HUXTABLE

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

Tinha os olhos brilhantes e as faces córadas pela animação do mestre que vê a sua obra bem encaminhada. Agil e activo, ninguem diria que era o mesmo sujeito, pallido e melancolico de Baker Street.

Logo vi, ao contemplar aquella figura energica disposta para a luta, que tinhamos de contar com um dia em extremo fatigante.

Comtudo começou por um grande desapontamento. Cheios de esperança, mettemo-nos a caminho pela sombria charneca cortada por numerosos atalhos de cabras; e tinhamos chegado a uma tira de terreno de um verde cru que nos indicava o pantano.

Com certeza se o rapazinho se dirigia para o castello de seu pae, deveria ter passado por ali, e deixado com evidentes vestigios de passos.

Mas não fomos capazes de descobrir o menor vestigio delle nem do allemão.

Com ar taciturno o meu amigo percorreu as margens, com a maior cautela, e por todos os lados. Havia rastos de ovelhas, em grande numero; mais longe divisavam-se signaes de bois e de vacas, e nada mais.

— Fiasco completo! — disse Holmes lançando uma vista de olhos pela charneca. — Além ha outro pantano; mas... mas que é aquillo?

Acabavamos de avistar como que um atalho, no meio do qual se differençava o sulco de uma bicycleta.

— Bravo! exclamei. Achamos!

Holmes abanou a cabeça, e o seu olhar pareceu-me mais intrigado do que alegre.

— Sim *uma* bicycleta, mas não a bicycleta! disse elle. Conheço quarenta e dois feitios de borracha de pneumaticos. Esta é uma Dunlop, com um remendo na capa exterior.

Os pneumaticos de Heidegger eram da marca Palmer, e deixavam traços longitudinaes. Foi o que me declarou Aveling, o professor de mathematica. Não é pois sulco do allemão.

— Será o do rapazinho?

— Talvez, si se provasse que elle tinha uma bicycleta. Mas não se dá esse caso. Este sulco foi deixado por alguem que vinha do lado do collegio.

— Ou que para lá ia!

— Não, não, meu caro Watson. O sulco mais profundo é sempre feito pela roda trazeira que carrega todo o peso, repare você que em certos sitios o sulco da roda dianteira está apagado pelo da roda trazeira. Sem duvida nenhuma a bicycleta afastava-se do collegio. Este rasto póde ou não ter relação com o nosso inquerito, mas temos que o seguir ao acaso, antes de continuar.

Foi o que fizemos, e no fim de umas centenas de metros, perdiamos o fio, ao sahirmos da parte pantanosa da charneca.

Voltando para traz, chegamos a outro sitio, atravessando por um ribeiro. Vimos de novo sulcos da bicycleta, mas estavam meio desmanchados pelas patas das vaccas.

Depois desappareceram, e o atalho levou-nos ao tufo de arvores de Ragged Shaw, situado por traz do collegio. A bicycleta devia ter sahido d'ali. Holmes sentou-se num tronco de arvore, e encostou o queixo ás mãos. Fumei dois cigarros sem que elle se mexesse.

— Bom, bom, disse elle finalmente, é possivel apezar de tudo, que um homem previdente mudasse os pneumaticos da machina, para deixar vestigios desconhecidos. Um homem que fosse capaz de tal idéa, seria pessoa que eu estimaria conhecer. Deixemos esta questão, e voltemos ao pantano, que não revistamos sufficientemente.

Continuamos o exame minucioso desta parte da charneca, e a nossa perseverança não tardou em ser recompensada.

Na parte mais baixa havia um atalho lamacento. Holmes soltou um grito de alegria ao approximar-se. Um sulco semelhante a um feixe de fios telegraphicos cobria o centro do regato. Era de um pneumatico Palmer!

— Ora aqui está o resto de Heidegger, certissimo, disse Holmes com enthusiasmo. O meu raciocinio era exacto!

— Muitos parabens.

— Mas ainda não chegamos ao fim, meu caro Watson.

"Peço-lhe que não ande pelo atalho. Sigamos o rasto, estou convencido de que não nos levará muito longe.

A' medida que avançavamos iamos notando que a charneca era sempre cortada de pantanos; por vezes perdiamos a propria pista, mas logo a tornavamos a achar.

— Repare bem, disse Sherlock, como o cyclista devia pedalar com força. Isso é que não soffre duvida alguma. Olhe este sulco onde as duas borrachas se distinguem tão nitidamente. Tão profundo é um como outro, o que prova que o peso estava egualmente distribuido entre o guidão e a sella, como acontece quando se apressa a marcha. Caspité, aqui deu elle uma quéda!

Acabava de descobrir um sulco irregular seguindo todo o atalho; differençavam-se de perto signaes de passos, depois appareciam de novo os pneumaticos.

— Uma roda escorregou, disse elle.

Holmes tinha na mão um ramo di juncos em flor. Verifiquei com espanto que estava todo manchado de vermelho. No meio do matto havia manchas escuras de sangue coalhado.

— Mau! — disse Holmes — Mau! Tome cuidado Watson! Nem mais um passo! Que leio eu em tudo isto? Elle cahiu ferido, levantou-se, tornou a montar, e seguiu, mas não ha outro sulco ao lado; ha aqui vestigios de pés de animaes. Não foi decerto estripado por algum touro? E' impossivel! E comtudo não acho rasto de mais ninguem. Vamos, continuemos, Watson! seguindo as nodoas e mais o rasto, a pista encaminha-nos, não nos poderá escapar.

As nossas pesquizas não duram muito. Os signaes dos pneumaticos começaram logo a fazer zig-zags pelo atalho humido, e de repente, quando estavamos olhando para longe, veiu ferir-nos a vista um reflexo metalico que partia de dentro dum cannavial. Ahi encontramos uma bicycleta com pneumaticos Palmer, cujo pedal estava todo amolgado, e sujo de sangue. Do outro lado do cannavial projectava-se um sapato. Demos outra volta, e achamos o desgraçado cyclista estendido de costas.

Era um homem de alta estatura, barba toda, e oculos dos quaes estava quebrado um vidro. A causa da sua morte fôra uma terrivel pancada na cabeça que lhe fracturára o cráneo. O facto de elle ter podido seguir o seu caminho mesmo depois de ser victima de tão grave ferimento mostrava bem a sua força e a sua coragem.

Estava de sapatos, sem meias, e o casaco aberto deixava entrever a camisa de dormir. Sem duvida era o professor de allemão.

Holmes voltou o cadaver com todo o respeito, observando-o com a maxima attenção. Ficou por algum tempo absorvido pelos seus pensamentos, e percebi-lhe no rosto inquieto que esta lugrubre descoberta nada tinha adiantado o resultado das nossas pesquizas.

— Que se ha de fazer, Watson? — disse elle por fim — A minha idéa é continuar, já perdemos bastante tempo; é preciso apressar-nos a todo o custo, informar a policia da nossa descoberta, e ver se tratam de recolher o cadaver.

— Eu posso voltar com um bilhete.

— Não, eu preciso de si ... espere um pouco. Está alli um homemzinho a trabalhar na charneca. Chame-o cá, e elle irá pôr a policia ao facto do que se passa.

Trouxe o camponio, e Holmes mandou o pobre homem offegante com um bilheite para dr. Huxtable.

— Agora, Watson, já achámos duas pistas esta manhã: uma, a bicycleta com o pneumatico Palmer, já sabemos onde nos levou; vamos á outra, o pneumatico Dunlop. Antes de começarmos a seguir esta, resumamos o que se tem obtido, para se separar o que é essencial, do que pode ser accessorio. Em primeiro logar conveça-se que o pequeno fugiu por sua livre vontade. Desceu pela janella e partiu só, ou com alguem, é indiscutivel.

Fiz um gesto de annuencia.

— Agora pelo que toca ao infeliz professor. O rapaz estava completamente vestido quando sahiu; previu por consequencia o que ia fazer. O professor, pelo contrario, não teve sequer tempo para calçar as meias; andou, pois, precipitadamente.

— Com certeza.

— Porque sahiu elle? Porque da janella de seu quarto, sem duvida viu a fuga do pequeno; porque o queria apanhar e trazel-o. Foi então buscar a sua bicycleta, segiu-o e nesta perseguição encontrou a morte.

— E' muito natural.

— Acho-me no ponto mais dilicado da conjectura. O acto natural de um homem que persegue uma creança devia ser correr atraz della por lhe parecer facil alcançal-a. Não foi isso o que fez o allemão; recorreu á bicycleta. Disseram-me que era um cyclista de primeira força. Não lançaria mão da sua machina, se não soubese que o pequeno tinha á sua disposição um meio rapido de locomoção.

— A outra bicycleta?

— Continuemos a nossa reconstituição.

"Foi morto a cinco milhas do collegio, não por um tiro, (repare bem que em rigor uma creança podia ter atirado), mas por uma pancada de extrema violencia, dada por um braço vigoroso.

"O rapaz teve portanto um companheiro na sua fuga que deve ter sido rapida, visto que um cyclista eximio teve que percorrer uma distancia de cinco milhas sem os poder alcançar.

"Examinamos todo o terreno em volta do sitio do crime; que descobrimos nós? Alguns rastos de gado, não ha atalhos a mais de cincoenta metros.

"O outro cyclista nada tem que ver com este assassinato; não ha aqui nenhum vestigio de passos.

— Holmes! — exclamei eu — isto é impossivel!

— Você é assombroso! — disse elle — Que esplendida observação! E' impossivel, diz você, mas é isto! Você proprio viu. Pode explicar as cousas de outro modo?

— Não podia ter fracturado o craneo ao cahir?

— Num lodaçal, Watson?

— Não vejo outra supposição possivel.

— Tá! tá!... Temos resolvido problemas mais difficeis. Emfim temos dados muito serios, se nos soubermos servir delles. A questão Palmer está esgotada, vamos a ver o que nos dará a Dunlop!

Retomamos esta pista e seguimol-a por algum tempo, mas logo desappareceu nos massiços de estevas; dali, tanto podia dirigir-se para Holdenesse Hall, cujas torres cinzentas se elevavam a algumas milhas á nossa esquerda, como para a aldeiola que na nossa frente indicava a posição da estrada real de Chesterfield.

Quando nos approximamos da estalagem de sordida apparencia que tinha um gallo por taboleta, Holmes soltou um gemido e segurou-se ao meu hombro para não cahir: tinha torcido um pé. Com bastante difficuldade foi coxeando até a porta, onde se achava um homem de idade, baixo e gordo, fumando no seu cachimbo de barro preto.

— Como está, sr. Reuben Hayes? — disse Holmes.

— Quem é o senhor? E como sabe tão bem o meu nome? — disse o camponez com um lampejo de desconfiança nos olhos manhosos.

— Está escripto na taboleta por cima da sua cabeça, e é facilimo reconhecer em si o dono da pousada. Terá por acaso uma carruagem na cocheira?

— Não, não tenho.

— Já não posso pôr o pé no chão.

— Então não ponha.

— Mas não posso andar.

— Então, salte.

As maneiras de Reuben Hayes estavam longe de ser affaveis, mas nem por isso Holmes ficou de mau humor.

— Vamos, amigo — disse elle — acho-me numa situação difficil, e preciso sair della custe o que custar.

— Mas que tenho eu com isso? — disse o amavel hospedeiro.

— Tenho um negocio importantissimo. Dou-lhe uma libra se me alugar uma bicycleta.

O hospedeiro arrebitou a orelha.

(Continua na pag. seguinte)

— Onde quer ir?

— A Holdernesse Hall.

— Querem ver que os senhores são amigos do duque? disse o hospedeiro olhando com ares ironicos para os nossos factos cheios de lama.

Holmes desatou a rir com immenso gosto.

— Em todo o caso ficará muito satisfeito de nos ver.

— Porque?

— Porque lhe trazemos noticias de seu filho desapparecido.

O hospedeiro sobresaltou-se visivelmente.

— O que? O senhor sabe?

— Foi visto em Liverpool, e não tarda que lhe deitem a unha.

A estas palavras, a sua physionomia grosseira modificou-se, e as suas maneiras mudaram subitamente.

— Não tenho razão nenhuma para querer bem ao duque — disse elle — porque n'outro tempo fui seu primeiro cocheiro; tratou-me muito mal, e por culpa de um reles commerciante de cereaes, pôz-me na rua sem ao menos me dar um attestado. Entretanto estimo bem que se tenha ouvido falar do mocinho lord em Liverpool, e ajudal-os-ei a levar ao palacio noticias delle.

— Agradeço-lhe, disse Holmes, mas havemos de comer antes, e depois você arranje-me a bicycleta.

— Não tenho.

Holmes mostrou-lhe uma libra.

— Mas se eu lhe digo que não tenho! O que posso é alugar-lhes dois cavallos que os levem ao palacio.

— Está bem, disse Holmes, partiremos depois de tomar alguma coisa.

Quando nos achamos sós na cosinha, logo vi com grande espanto que a entorse do meu companheiro estava completamente curada.

Era quasi noite, e desde pela manhã que estavamos em jejum. De modo que ficamos immenso tempo á mesa.

Holmes estava todo entregue aos seus pensamentos; por uma ou duas vezes se levantou para ir á janella observar os arredores.

Dava ella para um pateo muito sujo, na extremidade do qual havia uma forja onde um rapaz de feições e traje ennegrecidos estava trabalhando; do outro lado eram as cavallariças.

Holmes tinha-se tornado a sentar, mas levantou-se de repente exclamando:

— Bravo! Creio que acertei, Watson! sim, deve ser isto. Você lembra-se que hoje differençamos rastos de gado?

— Sim, varios!

— Onde?

— Em toda a parte: havia-os no pantano, no atalho, e perto do logar em que o pobre Heidegger encontrou a morte.

— Justamente. Pois bem, Watson, quantos animaes viu esta tarde na charneca?

— Não me lembro de ter visto nenhum.

— E' esquesito, meu amigo, que vissemos tantos signaes de patas, e que não vissemos siquer um animal. E' deveras exquisito, não acha?

— Realmente.

— Faça um esforço de memoria, collija as suas recordações. Lembra-se daquellas pégadas no atalho?

— Lembro-me, sim.

— Você lembra-se que tão depressa estavam assim, meu caro amigo — e collocou migalhas de pão assim, como assim.... e umas vezes por outras como estas...., lembra-se de tudo isso?

— Não, não me lembro.

— Pois eu ia jural-o. Mas vamos ver outra vez. Que idiota eu fui, em não tirar logo a conclusão!

— Qual?

— Só isto: é uma vacca extraordinaria esta, que assim pode andar a passo, a trote e a galope. Não foi com certeza um cerebro rustico que inventou tal subterfugio. Os arredores não parecem muito frequentados a não ser por esse rapaz que está na forja. Tentemos pois alguma descoberta!

Estavam na cavallariça arruinada dois cavallos mal tratados. Holmes levantou um delles uma das patas trazeiras e poz-se a rir:

— Aqui estão ferraduras velhas postas ha pouco tempo. As ferraduras são velhas mas os cravos são novos. Isto é esplendido! Vamos até á forja.

O aprendiz continuava a trabalhar sem se importar comnosco.

Vi que o olhar de Sherlock investigava os restos de ferro e de madeira espalhados pelo chão.

De repente sentimos passos atraz de nós. Era o estalageiro. Os espessos sobr'olhos estavam carregados, as feições vermelhas, tremulas de colera. Trazia na mão uma bengala com castão de metal, e adeantou-se em uma attitude tão ameaçadora, que estimei sentir na minha algibeira o meu revólver.

— Espiões do diabo! Que fazem aqui? exclamou elle.

— Que é isso, sr. Reuben Hayes? disse Holmes serenamente. Podia-se supor que o senhor tem medo que nós descubramos alguma coisa de máo em sua casa.

O homem fez um grande esforço para readquirir o sangue frio e deixou escapar um riso fingido ainda mais ameaçador.

— Póde tratar á vontade de qualquer negocio na minha forja; mas como não gosto que ninguem venha metter o nariz nos meus negocios sem minha licença, quanto mais depressa pagarem a sua conta, e sahirem daqui, melhor.

— Muito bem, sr. Hayes, nós não desejamos offendel-o, disse Sherlock, vinhamos só ver os seus cavallos. Alem de que, parece-me que já posso andar. Não é muito longe, não?

— Apenas duas milhas daqui á grade do palacio, por esta estrada á esquerda.

Seguimol-os com a vista até onde ella nos alcançou.

Não fomos muito longe, porque Sherlock parou logo que a curva da estrada nos occultou aos olhares do estalajadeiro.

— Quente, quente, como dizem as creanças, disse elle. E parece que arrefeço a cada passo que me afasto daqui. Não, não é possivel irmo-nos embora!

— Estou convencido, disse eu, que este tal Reuben está ao facto de tudo. Raras vezes tenho encontrado um typo tão caracteristico de tratante.

— E' essa a impressão que lhe fez? Tem cavallos e uma forja. Vamos, esta estalagem do "Gallo Pimpão" é um logar cheio de interesse. Tenho vontade de lá voltar para o examinar á minha vontade.

Uma collina de rochedos argilosos elevava-se por detraz de nós. Tinhamos deixado a estrada, e iamos trepando pela ladeira, quando ao olhar na direcção

do Holdernesse Hall, avistei um cyclista que pedalava com toda a velocidade.

— Agache-se, homem! exclamou Sherlock pondo-me pesadamente a mão no hombro.

Logo que nos escondemos, passou rapidamente um homem pela estrada perto de nós. Distingui numa nuvem de poeira uma cara pallida e agitada, cheia de horror, bocca aberta, olhos desvairados, alongando a vista pela estrada fóra. Dir-se-ia uma horrivel caricatura do elegante James Wilder, a quem tinhamos visto na vespera.

— O secretario do duque! exclamou o meu companheiro. Venha, vejamos o que vai fazer!

Saltamos de rochedo em rochedo, e alguns instantes depois achavamo-nos n'uma altura que nos deixava observar a porta da estalagem.

A bicycleta de Wilder estava encostado á parede. Não havia movimento algum em casa e ninguem apparecia pelas janellas.

O crepusculo cahia lentamente á medida que o sol se escondia atraz das altas torres do palacio. Vimos, na escuridão, accenderem-se duas lanternas no pateo da estalagem, depois ouvimos o ruido de cascos de cavallos na estrada, e uma carruagem correr como uma setta na direcção de Chesterfield.

— Que lhe parece isto? — murmurou Holmes.

— Parece uma fuga.

— Apenas um homem numa carruagem, foi o que vi. O sr. James Wilder não era, porque esse está lá á porta.

Um quadrado vermelho de luz, resaltara da obscuridade, e permittia-nos differençar a sombra escura do secretario. Tinha a cabeça inclinada para a frente como querendo interrogar as trevas. Era evidente que esperava alguem. Afinal ouvimos passos na estrada e em breve divisamos outra personagem. A porta tornou a fechar-se e ficou tudo ás escuras. Cinco minutos depois appareceu uma luz no primeiro andar.

— Que freguezia extraordinaria tem esta estalagem! — disse Holmes.

— A taverna fica do outro lado.

— Perfeitamente. Isto são freguezes mais intimos. Que fará este senhor James Wilder, naquella baiuca, a estas horas da noite e quem será o homem com quem vae ter a entrevista? Vamos lá, Watson, é necessario arriscarmo-nos a ir ver aquillo mais de perto.

Descemos a encosta, e chegamos á porta da estalagem. A bicycleta continuava encostada á parede. Holmes riscou um phosphoro e illuminou a roda trazeira. Ouvi-o rir baixinho quando bateu a luz no pneumatico Dunlop. Por cima de nós havia uma janella com luz.

— Não seria mau eu deixar por ali uma vista d'olhos, Watson; encoste-se á parede, e deixe-me trepar-lhe ás costas para ver se lá posso chegar.

Um momento depois tinha os pés delle nas minhas costas; tudo isto se passou o mais rapidamente possivel.

— Chega, meu amigo — disse elle — Basta de trabalho por hoje. Já colhemos o que podiamos; ainda é longe d'aqui ao collegio, e quanto mais cedo lá chegarmos, melhor.

Poucas palavras proferiu emquanto atravessamos a charneca, e em vez de entrar no collegio, dirigiu-se á estação de Mackleton, donde expediu varios telegrammas. A' noite esteve prodigalisando ao doutor Huxtable consolações pela morte do professor de allemão. Em seguida entrou no meu quarto tão esperto e bem disposto como de manhã.

— Vae tudo bem, meu caro — disse elle — até amanhã á noite teremos a chave do mysterio.

No dia seguinte o meu amigo e eu subiamos a longa alameda de pinheiros que conduz a Holdernesse Hall. Depois que transpuzemos o monumental portão do reinado de Izabel, fomos introduzidos no gabinete de trabalho do duque. Encontramos ali o sr. James Wilder, frio e reservado, mas conservando ainda na physionomia uns restos do terror que tinha sentido na noite anterior.

— Os senhores veem procurar s. ex.? Sinto immenso, mas o sr duque está muito fatigado. A noticia desta morte transtornou-o completamente. Recebemos hontem de tarde um telegramma do doutor Huxtable que nos informava de sua descoberta.

— Entretanto, é-me indispensavel falar ao duque, sr. Wilder.

— Mas s. ex. está no seu quarto de cama!

— Parece-me que está até deitado.

— Então vel-o-ei na cama!

As maneiras frias e decididas de Holmes deram a entender ao secretario que seria inutil qualquer resistencia.

— Bem, sr. Holmes, vou dizer-lhe que os senhores estão cá.

Depois de meia hora de espera, appareceu o nobre fidalgo. Estava mais pallido e ainda mais curvado; parecia ter envelhecido muito desde a vespera. Recebeu-nos com uma altiva cortezia, e sentou-se á secretaria; cahia-lhe sobre a mesa a comprida barba ruiva.

— Então, senhor Holmes? — disse elle.

Os olhos do meu amigo fixaram-se no secretario, que se collocára ao pé da cadeira do seu amo.

— Creio que eu falaria com mais desafogo, se o sr. Wilder não estivesse presente.

Este fez-se muito pallido, e lançou um olhar hostil a Holmes:

— Se s. ex. assim deseja...

— Sim, sim é melhor ir-se embora.

— E agora, sr. Holmes, que tem a dizer-me?

O meu amigo esperou que a porta se fechasse.

— Tenho a dizer-lhe que o meu collega o doutor Watson e eu, soubemos pelo doutor Huxtable que foi offerecido um premio a quem descobrisse o mysterio. Eu estimaria ter sobre este ponto a affirmativa de v. ex.

— E' exacto, sr Holmes.

— E', parece-me, a quantia de cinco mil libras esterlinas que deve ser entregue á pessoa que lhe indicar o paradeiro de seu filho.

— Tambem é exacto.

— Mil libras a quem lhe der a conhecer a pessoa ou as pessoas que o téem preso?

(*Continua na pag. seguinte*)

— Exactissimo!

— Tanto os que se apoderaram delle como os que actualmente o detêem?...

— Sim, sim, exclamou o duque com impaciencia — Se o senhor o conseguir, afiança-lhe que não terá razão de queixa.

O meu amigo esfregou as mãos com uma expressão de avidez, que me surprehendeu, conhecedor como sou das suas tendencias modestas.

— Creio — disse elle — que estou vendo sobre esta mesa o caderno de cheques de v. ex., e estimava devéras que o sr. duque quizesse assignar-me um cheque de seis mil libras endossado ao banco "Capital and Counties", Oxford Street, Londres.

O duque conservou-se sereno; muito empertigado no seu logar, fitou friamente o meu amigo.

— Está gracejando, sr. Holmes? Parece-me que o caso não é para isso.

— Nada disso nunca falei tão sério na minha vida.

— Que quer dizer então?

— Quero dizer que ganhei o premio. Sei onde está seu filho, e conheço pelo menos algumas das pessoas que o detêem.

A pallidez do duque fez realçar ainda mais o ruivo da comprida barba.

— Onde está elle? — perguntou ancioso.

— Está, ou pelo menos estava a noite passada na hospedaria do "Gallo Pimpão", aproximadamente a duas milhas de gradeamento do seu parque.

O duque recostou-se na cadeira.

— E a quem accusa o senhor?

A resposta de Sherlock Holmes foi assombrosa. Levantando-se rapidamente, poz a mão sobre o hombro do duque.

— E' ao sr. duque que eu accuso — disse elle — E agora peço a v. ex. que me dê o cheque.

Nunca esquecerei a attitude do duque, que levantava as mãos ao ar como quem se sente cahir num precipicio. Mas logo por um esforço inaudito, recobrou o sangue frio de aristocrata, sentou-se, e escondeu a cabeça entre as mãos. Conservou-se calado por alguns instantes.

— O que sabe? — perguntou afinal, sem levantar a cabeça.

— Vi-os juntos hontem á noite.

— Sabe disso alguem mmais, além do seu amigo?

— Não falei nisso a ninguem.

O duque pegou na penna com a mão tremula, e abriu o livro de cheques.

— Só tenho uma palavra, sr. Holmes. Vou assignar o seu cheque, apesar do desgosto que me causou. Quando fiz essa promessa, ignorava o caminho que tomariam os acontecimentos; mas posso ter confiança na sua discreção e na do seu amigo, não é assim?

— Não o comprehendo bem.

— Vou explicar-me mais claramente, sr. Holmes. Se não ha sinão os senhores ao corrente do succedido, não ha razão para suppôr que estes factos transpirem. São doze mil libras que lhe devo, não é isto?

Holmes sorriu, e abanou a cabeça.

— Receio bem que este caso não se arranje com tanta facilidade. Haverá que prestar contas pela morte do desgraçado professor.

— Mas, James Wilder nada tem com isso! Não póde ser responsavel! E' a obra d'aquelle bruto, que elle teve a má idéa de utilizar!

— Não encaro as coisas da mesma maneira; quando uma pessoa dá o primeiro passo no caminho do crime, é moralmente responsavel por todos os crimes que se relacionem com o primeiro.

— Moralmente assim é, sr. Holmes, mas certamente não aos olhos da lei. Um homem não póde ser condemnado por um assassinio, em que não teve parte, e que reprova tanto como o senhor. Desde que soube todo o acontecido, James veio fazer-me uma confissão completa, tal era o horror e remorsos que sentia. Rompeu immediatamente com o assassino. Oh! sr. Holmes é preciso salval-o; salve-o! salve-o!

O duque tinha perdido toda a sua firmeza, passeiando a passos largos pelo quarto com a cara transtornada, e as mãos crispadas.

Poude emfim dominar-se e sentou-se á secretária.

— Tenho na devida conta a delicadeza que o levou a vir ter commigo antes de falar a ninguem — disse elle. Ao menos poderemos ver se será possivel limitar este horrivel escandalo.

— Certamente — disse Holmes — mas nada conseguiremos se não acharmos no sr. duque a mais completa franqueza. Não desejo sinão auxilial-o no que estiver ao meu alcance, mas, para isso, é necessario que eu comprehenda bem todos os pormenores d'este caso. Vossa excellencia falava ha pouco de James Wilder, e dizia que não era elle o assassino?

— Não, o assassino safou-se!

Sherlock Holmes sorriu.

— Vossa excellencia não conhece de certo a minha modesta reputação, sinão adivinharia como é difficil escapar-se. O Reuben Hayes foi preso em Chesterfield por denuncia minha, hontem, ás onze da noite. Recebi um telegramma daquella cidade esta manhã antes de sahir do collegio.

O duque endireitou-se na cadeira e olhou espantado para o meu amigo.

— O senhor endireitou-se na cadeira e olhou espantado para o meu amigo.

— O senhor parece ter um poder sobrenatural! — disse elle — Com que então está preso o Reuben Hayes? Deixal-o! comtanto que James não soffra.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 38$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
F. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$000

O SUOR DEBAIXO DOS BRAÇOS

Marca Registrada

ESTRAGA:

OS RICOS VESTIDOS

OS TERNOS FINOS

AS ROUPAS DE SEDA

USEM

MAGIC

MAGIC é o unico preparado pharmaceutico inoffensivo á saude, que supprime magicamente a transpiração das axillas, evitando assim que se estraguem os vestidos e que faz desapparecer, como por encanto, o máo cheiro caracteristico do suôr

MAGIC é uma especialidade pharmaceutica, um remedio portanto, devidamente analysado e approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica e o unico aconselhado, para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas do paiz, entre as quaes os senhores doutores Miguel Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck Machado, Terra e outros mais, que de modo algum dariam o seu apoio a um medicamento que não tivesse real valor.

MAGIC é economico. Cada vidro dá para 6 mezes — e deve ser applicado de accordo com as instrucções.

MAGIC encontra-se em todos os armarinhos, pharmacias, drogarias e perfumarias ou nos agentes geraes, ARAUJO, FREITAS & CIA., rua dos Ourives n. 88 — Rio de Janeiro — Preço 7$000 — Pelo correio mais 2$000 para o porte.

ORF-LÉNE
TINJE
CABELLOS BRANCOS
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto